



Departamento de História

Filatelia e Ideologia

Emissão de Selos Postais e Difusão de Valores no Estado Novo

Amandine da Ponte Duarte

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Gestão e Estudos da Cultura,
Ramo Património e Projetos Culturais

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2015

Agradecimentos

A realização da presente dissertação contou com o apoio de professores, familiares, amigos e especialistas na área da filatelia aos quais dedico estas breves palavras de agradecimento.

À professora Maria João Vaz, que sempre acompanhou o meu crescimento académico, apoiando-me na tomada de decisões para a concretização deste trabalho que aqui se apresenta, desfazendo os nós que por mim iam sendo criados, sempre com palavras simples, ajudando-me a descobrir que os melhores caminhos são aqueles que enfrentamos com simplicidade e gosto.

À minha família, mais precisamente à minha mãe, Maria de Lurdes Chaves da Ponte e ao meu pai, João Ribeiro Duarte, pais excecionais que me apoiaram nesta odisseia académica. Sem eles nunca conseguiria atingir os meus objetivos. À minha tia Maria Irene da Ponte. Ao meu namorado, Miguel Palma, pela paciência nas horas de maior angústia e pelo interesse demonstrado ao longo do desenvolvimento deste trabalho de investigação. Ao meu primo, Pedro Catarino, que sempre soube escolher as palavras certas para me acalantar nesta caminhada.

Aos meus amigos que sempre ouviram as minhas dúvidas e me ajudaram a encontrar respostas. À Liliana Rua, um excelente exemplo de perseverança. À Miriam Sousa, apoio nas horas boas e em todas as outras, aos meus amigos Luís Lourenço e Luís Antunes símbolos de amizade extrema, contribuindo para o meu sucesso. À Sara Freitas que colaborou com ideias iniciais para desenvolver o presente trabalho. À Paula Carvalho e à Catarina Batista, por terem tornado a minha vida mais rica em amizade e boa disposição.

À Fundação Portuguesa das Comunicações por todo apoio prestado nesta minha jornada. À D.^a Dulce Nea Anahory, curadora do Património Filatélico e Artístico, que, além de uma chefe excepcional, se tornou uma amiga contribuindo sempre com boas recomendações tanto a nível pessoal como para a feitura desta dissertação. À Maria João Pinheiro e à Celeste Parro que sempre me contagiaram com boa disposição. À Ana Ferreira, pelas longas conversas sobre este trabalho e pela disponibilidade que sempre demonstrou. À Susana Afonso, pela boa disposição e por sempre se mostrar disponível em ajudar-me a encontrar toda a documentação de que precisava na biblioteca desta instituição.

Resumo

Os objetivos deste trabalho são esclarecer, sensibilizar e demonstrar que o selo postal português, no período do Estado Novo, foi uma via adotada pelo regime para a difusão de ideais, tanto políticos como sociais e culturais. Deste modo podem encontrar-se, através da observação e leitura dos selos portugueses, alusões aos ideais e factos privilegiados pelo regime: a pátria, a família, a religião, os factos históricos que são tidos como grandes feitos, assim como os seus líderes e seguidores. É importante dar a conhecer o selo nas suas variadas definições e usos, desde a sua função primária de servir como prova de pagamento do correio, até à sua utilização como elemento disseminador de arte, onde se pode contar toda a história da «nação», com a particularidade de esta se fazer num pequeno pedaço de papel tão cheio de simbolismo e culturalmente informativo.

Para se analisar esta questão realizou-se um trabalho de investigação empírica, com apoio teórico e devidamente contextualizado, esclarecendo-se a conjuntura histórica e sociopolítica que o acolhe, o regime autodenominado de Estado Novo. Procurou-se definir os principais traços caracterizadores da ideologia Salazarista e os meios e canais adotados para a sua transmissão e disseminação entre a população, tanto em Portugal, como no estrangeiro. Tomando como caso de estudo os selos postais emitidos, procedeu-se à análise cuidada e atenta de algumas emissões de selos postais, confrontando-as, encontrando apoio na historiografia produzida sobre esta época.

Este trabalho é importante uma vez que se ficará a conhecer melhor algumas das emissões filatélicas de selos postais que circularam durante o regime salazarista e que contribuíram para divulgar a ideologia do regime, assim como a sua propaganda junto da sociedade. Também são esclarecidas, no decorrer da dissertação, as várias utilidades do selo, como este era produzido, os seus autores e os seus diferentes valores comerciais.

Palavras-chave: filatelia, selo postal, correios, Estado Novo, autoritarismo, propaganda.

Abstrat

The aim of this work is to clarify, sensitize and demonstrate that how Portuguese postal stamp, in the New State period, was an adopted way by the regime to spread its own political, social and cultural ideals. In this manner it can be found, through observation and reading of the Portuguese stamps, allusions about ideals privileged by the regime: patriotism, family, religion, the great historical accomplishments and their great leaders and followers. It's important to raise awareness about the postal stamp in its most varied definitions and uses, from its primary usage on the mail to serve as payment proof to its inspirational source of art, where national history can be greatly explained, with the particularity of using a little piece of paper full of symbolism and cultural information.

To fully understand the question this work developed an empirical investigation with theoretical support and properly contextualized, that enlightens the historical and sociopolitical context of the auto nominated New State period. This work tries to define the main characterizing traces of the Salazar ideology and the means and channels adopted for its transmission and spreading amongst the populations, in Portugal and in foreign territory. Using a case study of the issued postal stamps, this work carefully and attentively analyzed some of the emissions of postal stamps confronting them with the historiography of the time.

This work is important because it will contribute for a better understanding of some of the philatelic postal stamp emissions that circulated during the Salazar regime and how they contributed for the diffusion of the ideology as well as the propaganda involved among the populations. It is also clarified during the dissertation the various uses of the postal stamp, how it was made, its creators and its different commercial values.

Keywords: philately, postage stamp, postal mail, New State, authoritarianism, propaganda

Índice

1. Introdução	1
2. Breve História do Selo Postal Português em Portugal Continental	9
2.1. Rowland Hill e a Reforma dos Correios em Inglaterra	9
2.2. Os primeiros selos postais portugueses	12
2.3. O colecionismo de selos postais	15
2.4. A Europa unida pelo selo postal europeu	16
2.5. A importância da UPU no mundo filatélico	17
2.6. Variedade de Selos	18
3. Estado Novo. Ideologia e Propaganda	21
3.1. A Ascensão do Salazarismo – da ditadura Militar à Constituição de 1933.....	22
3.2. A Ideologia Salazarista.....	24
3.3. A Propaganda no Estado Novo.....	26
3.4. Os meios de Propaganda.....	27
4. O Selo Postal Português. Propaganda e Transmissão de Valores	31
4.1. Representação da História através do Selo Postal	35
4.1.1. A Monarquia	36
4.1.2. Os Descobrimentos	39
4.1.3. Monumentos	42
4.2. Representação da Literatura através do Selo Postal	44
4.2.1. Autores/Obras	45
4.3. Representação do Regime através do Selo Postal	48
4.3.1. Obra.....	49
4.3.2. As figuras	50
4.3.4. Organizações.....	52
4.3.5. Efemérides	52
4.3.6. Colónias	55
4.3.7. Nacionalismo	56
4.3.8. Tradições.....	57
4.3.9. Educação	58
4.4.1. Efemérides	62
4.5. Representação da Religião através do Selo Postal	62
4.5.1. Efemérides	63
5. Conclusão	67

Fontes e bibliografia.....	69
Anexos.....	I

Índice de Figuras

Figura 1 D. Maria II - 1853	12
Figura 2 Europa CEPT - 1960.....	17
Figura 3 Gráfico com número de emissões realizadas por autor	33
Figura 4 Gráfico com o número de emissões por ano.....	33
Figura 5 Avis – 1949.....	36
Figura 6 Reis de Portugal da 1.ª Dinastia – 1955.....	37
Figura 7 5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor – 1958.....	38
Figura 8 Gráfico com o número de selos emitidos com diferentes taxas.....	39
Figura 9 Infante D. Henrique – 1935	39
Figura 10 Caravela - 1943.....	40
Figura 11 Navegadores Portugueses – 1945	41
Figura 12 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas.....	42
Figura 13 Templo de Diana - 1935-1936.....	42
Figura 14 Sé de Coimbra - 1935	43
Figura 15 Castelos de Portugal - 1946	43
Figura 16 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas.....	44
Figura 17 Lusíadas, Novos valores e cores - 1933-1938	45
Figura 18 Almeida Garrett – 1957	46
Figura 19 Cesário Verde – 1957	47
Figura 20 4.º Centenário da Morte de Gil Vicente – 1937.....	47
Figura 21 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas.....	48
Figura 22 Inauguração da Ponte Salazar – 1966.....	49
Figura 23 General Carmona – 1934	50
Figura 24 Presidente Salazar – 1971	51
Figura 25 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas.....	51
Figura 26 Legião Portuguesa – 1940.....	52
Figura 27 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas.....	55
Figura 28 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas.....	61

Índice de quadros

Quadro 1 Grelha de Análise Base	4
---------------------------------------	---

Glossário de Siglas

CEPT - *European Conference of Postal and Telecommunication*

CTT – Correios e Telecomunicações de Portugal (Correios, Telégrafos e Telefones, na designação anterior)

EFTA – Associação Europeia de Comércio Livre

FIL – Feira Internacional de Lisboa

FPC – Fundação Portuguesa das Comunicações

INCM – Imprensa Nacional da Casa da Moeda

IRU – *Unión Internationale de Transports Routiers*

LP – Legião Portuguesa

MP – Mocidade Portuguesa

OMEN – Obra das Mães pela Educação Nacional

OMS – Organização Mundial de Saúde

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

SNI – Secretariado Nacional de Informação

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

TAP – Transportadora Aérea Portuguesa

UGC – União Geral dos Correios

UPU - União Postal Universal

1. Introdução

A presente dissertação «Filatelia e Ideologia. Emissão de Selos Postais e Difusão de Valores no Estado Novo» propõe analisar a questão da utilização do selo postal enquanto elemento de difusão e propaganda da ideologia do regime do Estado Novo, dos seus valores e ideário, no período cronológico que vai desde 1933 até 1973.

A baliza cronológica escolhida refere-se ao início formal do regime ditatorial autodenominado de Estado Novo, concretizado com a aprovação de uma nova Constituição para Portugal, em 1933, até ao seu último ano completo de vigência, em 1973, pois o regime acabaria por cair ainda na primeira metade do ano seguinte, a 25 de abril de 1974.

Situámos o objeto de estudo do presente trabalho, os selos postais emitidos em Portugal, neste intervalo cronológico, e desenvolvemos a pesquisa procurando responder à seguinte questão de partida: terá o Estado Novo utilizado o selo postal português como elemento de propaganda da sua ideologia? Será que à semelhança do que se passa noutras áreas de criação cultural e artística, o Estado Novo também viu no selo postal uma forma de difundir os seus princípios e ideário?

No sentido de garantir uma base social de apoio, avaliar a implantação do regime, incentivar a adesão aos seus princípios ideológicos, aos valores e ideais por ele defendidos, e salvaguardar os seus interesses estratégicos, foram desenvolvidas várias ações e implementadas estratégias diversas no plano da comunicação e da propaganda. Vários foram os canais utilizados pelo regime para passar as suas mensagens, desde a escola a manifestações culturais várias, como o cinema e o teatro. Procurava-se demonstrar a bondade do regime no proporcionar um bom viver à população, respeitando sempre a religião, a pátria e a família. A glorificação de um passado histórico, exaltando o sentido nacionalista e a tradição, sempre reinventada, a defesa da família num contexto de uma nação ruralizada como berço de virtudes, a inspiração católica conservadora onde a religião assumia um foco central e modelador do comportamento popular, são apenas alguns dos traços da ideologia salazarista e do Estado Novo que se encontra plasmada nas várias emissões filatélicas realizadas no decorrer do período em estudo.

Com esta dissertação pretende-se demonstrar a importância do selo postal português como veículo de transmissão ideológica e cultural. É por meio das várias imagens que estas emissões filatélicas mostram, bem como através dos seus temas e legendas, que o Estado Novo encontrou um meio perfeito para levar aquém e além-fronteiras tanto a sua interpretação da história do povo português, feita por grandes figuras e acontecimentos históricos singulares e

grandiosos, como a personalidade, criada pelo próprio regime Salazarista, de uma sociedade regida pelos dogmas cristãos, por um Estado autoritário que afirmava mostrar-se forte e determinado em zelar pelo «bem da nação». Nas várias emissões postais realizadas entre 1933 e 1973 é evocada a pátria portuguesa e os valores do nacionalismo, a autoridade e o culto do líder do regime, a importância da família e do trabalho, a centralidade da religião católica e a importância dada à relação do Homem com Deus. Todos estes elementos sempre presentes nos selos postais então emitidos fazem parte do discurso político-ideológico do regime autoritário e conservador que se autodenominou Estado Novo.

Para fazer singrar, propagandear e garantir a adesão o mais alargada possível a estes princípios, Salazar nomeou, em Outubro de 1933, António Ferro para o cargo de diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). António Ferro desenvolveu uma política que ficou conhecida como a «política do espírito»¹. As bases do programa desenvolvido consistiam no uso da cultura como meio de propaganda, onde os movimentos culturais deviam ser orientados no sentido de glorificar o regime e incentivar o culto do seu chefe. A tentativa era a de demonstrar que se procurava conservar as velhas tradições e os antigos valores, combinando-os em conjunto com o que se entendia ser a modernidade da época, articulando uma ideologia «de nautas, santos e cavaleiros» com as ideias modernistas e futuristas de António Ferro². O programa cultural do regime procurava estabelecer o culto do nacional e do popular com base nos ideais do regime. O selo postal assumiu, então, um posto muito importante, uma vez que estabelecia uma relação entre a ideologia do regime e o povo através de cartas ou encomendas, contribuindo para fortalecer e promover o vínculo entre o cidadão comum, o regime e o seu líder. A propaganda política era um meio totalizante de integração dos portugueses, fazendo com que o pensamento dos portugueses se regesse por um conjunto de normas morais e de acordo com a política, como será explicado no capítulo terceiro com mais detalhe.

Este trabalho encontra-se organizado por cinco capítulos: «Introdução»; «Breve História do Selo Postal Português em Portugal Continental»; «Estado Novo. Ideologia e Propaganda», «O Selo Postal Português. Propaganda e transmissão de Valores» e a «Conclusão». O primeiro diz respeito à «Introdução» e o segundo intitula-se por «Breve História do Selo Postal Português em Portugal Continental» procurando traçar o contexto filatélico e do selo postal para o período aqui em análise. É explicada a história do selo postal e a sua importância enquanto franquia postal, como foi o primeiro selo português, em que ano foi emitido e que tipo de imagem

¹ «Modelo criado pelo fascismo Italiano, pugnava pela valorização da arte e salientava a relevância desta para a grandeza de um país». In Vieira, Patrícia (2011), *Cinema no Estado Novo a Encenação do Regime*, Lisboa, Edições Colibri, p. 36.

² Rosas, Fernando (1998), *O Estado Novo (1926-1974)*, Lisboa, Editorial Estampa, p. 259.

continha. É feito um esclarecimento do processo que vai desde a ideia do tema do selo até à impressão e colocação em circulação. É dada a conhecer a importância do selo na perspectiva do colecionismo e de como esta prática é marcante na transmissão da cultura portuguesa e na conservação do selo como objeto de valor económico. São apresentados neste capítulo os vários tipos de selos agrupados por categorias e as suas respetivas definições. O terceiro capítulo, «Estado Novo. Ideologia e Propaganda», procura explicitar, de forma sucinta, a ascensão e instituição do Estado Novo, do seu líder, Salazar, e o ideário adotado pelo regime. Visa-se aqui também aprofundar a questão da propaganda durante a ditadura, o seu desenvolvimento e a sua importância como via de transmissão cultural e ideológica, o surgimento do Secretariado de Propaganda Nacional, os seus objetivos e missão, bem como quem o liderava. Por último serão dados alguns exemplos dos meios utilizados pelo regime para suportar e fazer chegar ao povo os seus ideais e valores, cingindo-se essencialmente à propaganda política realizada através do selo postal português, ou seja, o selo como via de transmissão de valores do Estado Novo.

No quarto capítulo, «O Selo Postal Português. Propaganda e transmissão de Valores» apresenta-se a pesquisa desenvolvida, baseada num corpo documental composto por um conjunto de selos postais. Foi necessário proceder inicialmente a uma seleção das emissões de selos visto ser impossível tratar todas elas no presente trabalho. Numa segunda fase, foi necessário organizar as várias coleções filatélicas por categorias e, conseqüentemente, agrupá-las em subcategorias de modo a poder tratar melhor a informação contida nos selos postais. Porém esta análise apenas diz respeito à amostra criada para desenvolver o presente trabalho. No entanto, e partindo do pressuposto que todas as emissões de selos são igualmente importantes sob o ponto de vista histórico e propagandístico, decidimos fazer um breve estudo sobre todas elas e para tal elaboramos uma grelha que expõe a totalidade das emissões (178 emissões no período em estudo), organizadas pelo nome da emissão, pelo número de selos emitidos com diferentes taxas/valores, a data, o respetivo autor e a categoria a que pertencem. Para agrupar as 178 emissões e se poder ter uma leitura geral dos temas abordados numa perspectiva analítica, houve a necessidade de introduzir categorias e agrupar as variadas emissões segundo a temática aí patenteada. Também foi realizado um gráfico que compara os autores e as suas obras e deste modo podemos obter a informação de quantos autores colaboraram na feitura destas obras e quantas obras foram executadas pelo mesmo.

Para proceder à exploração e como base na análise realizada às fontes do trabalho, elaborou-se uma grelha para classificar os selos que integraram o corpus documental. As categorias e subcategorias definidas foram as seguintes:

Grelha de Análise Base	
Categorias	Subcategorias
História	Monarquia
	Descobrimientos
	Monumentos
Literatura	Obras/Autores
Regime	Obras
	Figuras
	Organizações
	Efemérides
	Colónias
	Nacionalismo
	Tradições
	Educação
Família	Efemérides
Religião	Efemérides

Quadro 1 Grelha de Análise Base

Como se pode observar no quadro 1, foi criada uma grelha de análise simplificada onde existem cinco categorias (História, Literatura, Regime, Família e Religião) e catorze subcategorias (Monarquia, Descobrimientos, Monumentos, Obras/Autores, Obras, Figuras, Organizações, Efemérides³, Colónias, Nacionalismo, Tradições, Educação). Esta grelha de análise foi criada na necessidade de organizar as várias emissões de selo por tema. Numa primeira abordagem foram estabelecidas as categorias acima mencionadas, no entanto, devido à diversidade dos temas tratados nas emissões de selos, optou-se por dividir as categorias em subcategorias com a finalidade de descrever mais pormenorizadamente o assunto tratado em cada emissão. Numa terceira etapa foi necessário agrupar as emissões de selos da amostra em subcategorias que lhes atribuísem uma maior proximidade de acordo com os temas contemplados nos selos postais. Para tal foi feita uma segunda grelha de análise desta vez com as emissões organizadas nas subcategorias a que pertencem e com a data em que foram emitidas⁴.

Esta grelha serviu de ponto de partida para a elaboração do presente trabalho, uma vez que através dela conseguimos organizar as emissões de selos de forma a termos uma perceção rápida das emissões e em que categoria e subcategoria pertencem. Também foi elaborada uma

³ A subcategoria *Efemérides* repete-se três vezes, uma na categoria *Família*, outra na categoria *Regime* e a outra na categoria *Religião*.

⁴ Grelha em anexo *Grelha de Análise da Amostra*

grelha que expõe as 178 emissões de selos postais realizadas no período em estudo⁵. Tratando-se de um número elevado de emissões optámos por não considerar aqui as subcategorias, adotando uma classificação mais geral e menos pormenorizada. Esta grelha permitiu o tratamento de informações pertinentes, com a elaboração gráficos que ajudam à interpretação da problemática mas que trouxeram outras perguntas pertinentes, o que permitiu tomar a presente dissertação mais interessante do ponto de vista analítico.

Como ponto de partida para este estudo estiveram presentes algumas questões: Será que foi realizada propaganda política através do selo postal? Como é que o selo postal foi utilizado enquanto elemento de transmissão cultural e de valores? Os autores dos selos serão «homens do regime»? Como eram estes escolhidos? Sabemos que atualmente o selo deixou de ser influente no que respeita ao envio de uma correspondência. Existem outros mecanismos que possibilitam a transmissão de uma mensagem. No entanto, o selo continua bastante presente na atual sociedade, tanto para colecionadores, como para as pessoas em geral. Atualmente enviar uma carta com um selo pode representar respeito e apreço pelo destinatário. É entendido como uma gentileza do remetente o envio de selos em cartas em vez da atual etiqueta de franquia automática⁶. No entanto como era visto o selo no Estado Novo? Tentamos entender a relação dos autores com o regime Salazarista descortinando as suas relações com o Estado, respondendo à questão: Porquê que foram estes artistas a serem escolhidos para realizar os desenhos dos selos e não outros?

A problemática deste trabalho centra-se em perceber e analisar uma amostra de 30 emissões de selos postais retiradas de um conjunto de 178 emissões questionando sempre a importância do selo como veículo de transmissão de valores salazaristas no contexto político ditatorial onde o controlo autoritário e conservador estava sempre presente. Muitas foram as questões levantadas para a feitura desta investigação: Estava o Estado interessado em utilizar este meio para fazer chegar elementos da cultura e valores à população? Será o selo apenas um pedaço de papel cuja única função é servir de franquia para a correspondência que é enviada? Será o selo um objeto importante sob o ponto de vista artístico? Procuramos responder a todas estas questões ao longo do trabalho sempre com um olhar crítico e analítico.

⁵ Grelha em anexo *Tabela Informativa das 178 Emissões de Selos (1933-1973)*

⁶ Informação fornecida pela Doutora Dulce Nea Anahory, curadora da reserva Filatélica e Artística, através de uma conversa informal onde foi esclarecido que atualmente quando um indivíduo se dirige aos serviços dos CTT com o intuito de enviar uma correspondência, é posto no sobrescrito uma etiqueta de franquia automática e não um selo. Os colaboradores dos CTT apenas colocam um selo quando solicitado pelo cliente. No entanto esta prática recente não era utilizada no período em estudo pelo que no Estado Novo as cartas e encomendas eram enviadas com selos (podiam ser vários selos dependendo da taxa de cada um e a morada do destinatário).

Existem muitos estudos sobre a temática do Salazarismo e do Estado Novo como regime ditatorial contemporâneo⁷. Dos autores que têm dado voz à historiografia contemporânea sobre esta temática destacam-se Luís Reis Torgal com o seu estudo *Estados Novos Estado Novo, Ensaio de História Política e Cultural*, I Volume e II Volume, Coimbra, 2009, Imprensa da Universidade de Coimbra e *A Universidade e o Estado Novo. O caso de Coimbra, 1926-1961* (Coimbra, Minerva, 1999); Fernando Rosas que desenvolveu vários estudos acerca das questões relacionadas com o Estado Novo das quais se destacam *Portugal Século XX. Pensamento e Ação Política* (Lisboa, Editorial Notícias, 2004); *O Estado Novo (1926-1974), A Transição Falhada. O Marcelismo e o fim do Estado Novo (1968-1974)* (Lisboa, Notícias Editorial 2004) e *O Estado Novo (1926-1974)*, VII volume da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso (Lisboa, Editorial Estampa); e Patrícia Viera com o seu estudo *Cinema no Estado Novo a Encenação do Regime*, Lisboa (Edições Colibri). Sobre as questões filatélicas existem algumas fontes⁸ e já foram escritos vários estudos como é o caso do autor A. H. de Oliveira Marques (1995), *História do Selo Postal Português 1853 – 1953*, 2 volumes, volume I, «Os Selos da Monarquia», e volume II, «Os Selos da República» tomo I e «Os Selos da República» tomo II, Lisboa, Planeta Editora, no entanto não são conhecidas obras que relacionem o selo com o regime Salazarista.

A grande motivação para a feitura deste trabalho, além do enorme gosto pela história contemporânea de Portugal, foi o facto de saber que não existia nenhum estudo sobre a propaganda e transmissão de valores do Estado Novo através do selo e de como este se assumiu, no período em estudo, um veículo de transmissão cultural e de valores Salazaristas. Esta investigação foi, desde o início, encarada como um grande desafio, tanto do ponto de vista histórico e cultural como do ponto de vista crítico e analítico.

⁷ Fernandes, António Teixeira (2001), *Relações entre a Igreja e o Estado no Estado Novo e no pós 25 de Abril de 1974*, Porto, Edição de Autor; Mineiro, Adélia Carvalho (2007), *Valores e Ensino no Estado Novo*, Lisboa, Edições Sílabo; Mónica, Maria Filomena (1978), *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Editorial Presença; Rosas, Fernando (2012), *Salazar e o Poder*, Lisboa, Tinta da China; Rosas, Fernando e J. M. Brandão de Brito (org.) (1989), *Salazar e o Salazarismo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote; Rosas, Fernando (1998), *O Estado Novo (1926-1974)*, VII volume da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Editorial Estampa; Pinto, António Costa (1992), *O Salazarismo e o Fascismo Europeu. Problemas de interpretação nas ciências sociais*, Lisboa, Editorial Estampa; Pinto, António Costa (1994), *Os Camisas Azuis. Ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal. 1914-1945*, Lisboa, Editorial Estampa.

⁸ Como é o caso dos catálogos escritos por Carlos Kullberg intitulados por *Selos de Portugal* que nos fornecem informações sobre os selos contemporâneos e dos próprios selos, fortíssimas fontes que oferecem uma grande quantidade de informação (tema, data, autor, valor, país de origem).

Para desenvolver esta dissertação foi feita em primeiro lugar uma pesquisa bibliográfica no sentido de descobrir todos os materiais escritos que existiam sobre filatelia e selos em particular e sobre a historiografia do Estado Novo. Posteriormente foram feitas várias questões que guiaram a pesquisa. Foram feitas várias grelhas de análise que posteriormente levaram a novas questões pertinentes que se analisam ao longo da dissertação. Além da pesquisa bibliográfica, para esclarecimento de algumas dúvidas e obtenção de informação suplementar, foi realizada uma conversa informal com a Dr.^a Dulce Nea Anahory, responsável pela Reserva Filatélica e Artística da Fundação Portuguesa das Comunicações que, sendo especialista na área filatélica, prestou-se a esclarecer algumas dúvidas, o que significou uma valiosa ajuda na elaboração do presente trabalho. Todas as fontes relativas aos selos encontram-se à guarda da Fundação Portuguesa das Comunicações mais concretamente no departamento do Património Filatélico e Artístico. No decorrer da pesquisa tive a oportunidade de o visitar e de estar em contacto com todos os selos que se tratam no presente trabalho. É de realçar o notável trabalho que é realizado neste local no sentido de preservar, guardar e divulgar todas as obras artísticas e filatélicas incluindo os originais de selo e os vários exemplares de selos.

Os objetivos propostos são o esclarecimento e o desenvolvimento do Estado Novo ao longo do tempo como um regime ditatorial contemporâneo que fazia vencer a sua ideologia através das mais variadas formas, como é o caso do selo postal. Propõe-se ainda uma análise ao surgimento do primeiro selo postal, quando surgiu e qual o objetivo da sua criação. Mas, o principal objetivo desta investigação é provar que através do selo postal português houve realmente transmissão de valores e ideais por parte do Estado Novo à população em geral, que o selo era um meio de ligação do regime com o povo e que a velha ideologia «Deus Pátria Família» se encontra bem vincada nas variadas emissões de selos postais em estudo no presente trabalho.

O quinto capítulo destina-se à «Conclusão» onde são esclarecidas algumas questões e dificuldades sentidas ao longo do desenvolvimento do trabalho.

2. Breve História do Selo Postal Português em Portugal Continental

O presente capítulo destina-se a caracterizar e explicitar algumas das etapas mais centrais relativamente à história do selo postal português: o seu surgimento, que tipo de selo era e que imagem ilustrava. Procuraremos inserir a evolução registada em Portugal no contexto internacional, focando algumas das principais etapas relativas ao surgimento e divulgação do selo. Num segundo plano é explicado o processo desde o surgimento e escolha do tema do selo, até à sua colocação circulação e, por último, é focado o colecionismo como forte arma de preservação e de transmissão da cultura portuguesa. Neste capítulo pode ver-se como o selo é um elemento que permite levar representações do país que o emite para o exterior, possibilitando, desta forma, interação de culturas.

2.1. Rowland Hill e a Reforma dos Correios em Inglaterra

Até ao aparecimento dos primeiros selos, o processo utilizado pelos Correios portugueses para fazer chegar a correspondência ao seu destinatário dava-se através de um sistema de porte pago no ato da receção da carta. Ou seja, o porte, que poderia ser escrito à mão ou por meio de um carimbo, era pago em dinheiro pelo recetor da carta. O que estipulava a quantia a ser paga era o peso da mesma. A partir de 1801 também a distância passou a ser um fator decisivo no valor a pagar pelo envio/receção da correspondência. No entanto, este método não era satisfatório uma vez que com o aumento das tarifas as pessoas que se correspondiam combinavam entre si maneiras de transmitir a mensagem sem ser necessário abrir o envelope. Este estratagema passava por escrever pequenos símbolos no sobrescrito de modo a que o recetor, mal olhasse para a carta, ficaria logo a saber o conteúdo da mesma⁹. Um outro inconveniente resultante deste sistema eram os assaltos aos carteiros que se faziam sentir com frequência, uma vez que estes quase sempre guardavam consigo elevadas quantias de dinheiro resultantes da cobrança de tarifas.

Em 1837 foi publicado um impresso que se designava por «A Reforma dos Correios: sua importância e vantagens» que propunha uma reforma nos Correios da Grã-Bretanha. O seu autor, Rowland Hill, sugeria que no futuro fosse o expedidor a pagar o porte. Defendeu que, com a utilização de um pequeno pedaço de papel, poderiam ser evitados muitos inconvenientes. Este papel deveria ter o valor do porte e no seu verso deveria ter cola para que se pudesse colar

⁹ <https://www.ctt.pt/correio-e-encomendas/filatelia/como-colecionar/historia-do-selo.html> consultado no dia 31/08/2015

na carta. Tinham sido dados os primeiros passos para que o primeiro selo começasse a circular em Inglaterra e no mundo – o *penny black* – que representa a esfinge da rainha Vitória. Este foi aprovado pela Câmara dos Comuns, em agosto de 1839, através do «Penny Postage Act» que previa a taxa de um *penny*. Deste modo, estava oficialmente criado o primeiro selo postal no mundo.

Portugal adotou este sistema treze anos depois, através do Decreto de 27 de outubro de 1852, que fora proposto à Rainha D. Maria II pelo governo do Duque de Saldanha. Como esclarece Eurico Carlos Esteves Cardoso, no seu estudo, «Em Portugal, o Governo do Duque de Saldanha, no poder havia um ano e meio, decidiu-se, finalmente, a propor à Rainha, D. Maria II, a assinatura do famoso Decreto de 27 de Outubro de 1852, que mandava entrar em vigor, a partir do dia 1 de Julho de 1953, o novo sistema»¹⁰. Além do Duque de Saldanha, assinaram o decreto os ministros António Maria Fontes Pereira de Melo, Rodrigo Magalhães e António Aluísio Jervis de Atougua. Remetido ao Decreto também foi publicada a Reforma da Repartição dos Correios e Postas do Reino através do qual foi introduzido o uso do selo de franquia. O decreto acima referido foi publicado no *Diário do Governo* no dia 9 de novembro do mesmo ano. De seguida transcrevem-se alguns dos artigos de suma importância para a reformulação do serviço postal em Portugal:

«Título II

Dos sellos, ou estampilhas, para pagamento dos portes das correspondências

Artigo 15.º - Os portes do correio poderão ser previamente pagos por meio de sellos de franquia, ou estampilhas afixadas no sobrescrito das respectivas cartas, ou de quaisquer outras correspondências.

(...)

Artigo 17.º É, porém, obrigatória para pagamento dos portes: 1.º das correspondências da pequena posta dentro de cada povoação; 2.º para pagamento do porte territorial das correspondências dirigidas para paizes estrangeiros; 3.º para pagamento do porte e premio das correspondências registadas com direcção a paizes estrangeiros; 4.º do porte e premio das cartas registadas.

(...)

Artigo 19.º - Os sellos de franquia serão entregues à subinspecção geral dos correios, e por esta mandados expor à venda, não só em todas as casas de correio, mas também em quaisquer

¹⁰ In Cardoso, Eurico Carlos Esteves Lage (1984), *Os Correios os Selos e a Filatelia*, Lisboa, edição de autor, p. 21.

outras estações, que os ponham ao alcance do publico em todos os concelhos do continente e ilhas adjacentes.

(...)

Artigo 24.º - As correspondências cujos sellos forem inferiores ao devido, não serão entregues ao destinatário senão pagando este o dobro da quantia necessária para o complemento do porte. (...)»¹¹

Através do Decreto de 27 de outubro de 1852 ficaram estabelecidas as diretrizes da nova reforma dos correios. No entanto só poderiam ser franquiadas com selos as correspondências que eram expedidas de Portugal e Ilhas para o interior do país, ou seja, as que eram enviadas para o estrangeiro continuavam a não ser franquiadas e o porte era pago pelo destinatário. No entanto, em 4 de Maio de 1853, foi publicado o regulamento do Serviço Postal e passou a Administração Geral dos Correios a ficar submetida ao Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, criado pelo decreto de 30 de Agosto de 1852, cujas principais disposições se transcrevem de seguida:

«Titulo V

Dos portes das correspondências

Artigo 69.º - Deve ser sempre franqueada por meio dos ditos sellos:

- 1.º - a correspondência interna de cada povoação.
- 2.º - a correspondência registada para qualquer ponto do continente do reino, ilhas, e províncias ultramarinas.
- 3.º - a correspondência que involver interesse de partes, remetida, ex-officio, por qualquer autoridade ou repartição publica.
- 4.º - a correspondência para paizes estrangeiros, quanto ao porte territorial, exepuando-se a que for dirigida para o reino de Hespanha.
- 5.º - a correspondência registada com direcção a paizes estrangeiros, quanto ao porte territorial e premio de registo. (...)»¹²

Segundo este regulamento a correspondência registada e dirigida a países estrangeiros passaria a ser franquiada com selos postais e esta foi a principal alteração em relação ao decreto de 27 de outubro de 1852. Todas as cartas ou encomendas cujo valor dos selos fosse inferior ao

¹¹ In Marques, A. H. de Oliveira (1995), *História do Selo Postal Português 1853 – 1953*, vol. I, *Os Selos da Monarquia*, Lisboa, Planeta Editora, Pág. 55

¹² Marques, A. H. de Oliveira (1995), *História do Selo Postal Português 1853 – 1953*, vol. I, *Os Selos da Monarquia*, Lisboa, Planeta Editora, Pág. 59

porte devido seria da responsabilidade do destinatário o pagamento do dobro do valor dos selos que faltassem.¹³

O surgimento do primeiro selo português marcou o início de uma nova vida nos Correios portugueses. A Reforma de 1852 alterou em três aspetos o anterior regime: o uso do selo, o pagamento do porte por parte do remetente e o preço era cobrado consoante o peso da correspondência¹⁴.

2.2. Os primeiros selos postais portugueses



Figura 1 D. Maria II - 1853

Foram colocados à venda no dia 1 de julho de 1853, pela primeira vez, os selos de correio portugueses. Ilustravam o busto de D. Maria II de perfil à esquerda, como se pode observar através da figura 1. Este dia marcou o surgimento de duas taxas que se tratavam respetivamente de 5 réis e 25 réis. O selo a que corresponde a menor taxa ilustra-se a castanho, sendo o de 25 réis apresentado a azul. No dia seguinte foi posto à venda o selo de 100 réis, de cor lilás, e no dia 22 do mesmo mês e ano, o selo de 50 réis, de cor verde¹⁵. Neste sentido, Portugal deu o primeiro passo nas comunicações por carta adotando o sistema de porte pago no ato do envio da correspondência.

As gravuras para estes selos foram feitas por Francisco de Borja Freire¹⁶ (1790-1869) e impressos um a um em folhas de 24 exemplares não dentados e dispostos irregularmente.

¹³ Segundo o artigo 72.º, do Título V, do Decreto de 4 de maio de 1853: «No caso de se encontrar alguma correspondência com sellos que já tenham servido, será taxada como não franqueada. (...)» In Marques, A. H. de Oliveira (1995), *História do Selo Postal Português 1853 – 1953*, vol. I, *Os Selos da Monarquia*, Lisboa, Planeta Editora, Pág. 60

¹⁴ O regime anterior utilizava a distância entre a origem e o destino como modo de cobrança.

¹⁵ O motivo destes dois selos é igual ao dos de 5 e de 25 reis ilustrando o busto de D. Maria II de perfil à esquerda.

¹⁶ Foi admitido como praticante de abridor da Casa da Moeda em 1814. Em 1830 foi nomeado segundo abridor da Casa da Moeda e, depois de uma viagem a Londres para aprender mais sobre esta técnica, regressou em 1837. Em 1842 foi nomeado primeiro abridor da Casa da Moeda, reformando-se 22 anos mais tarde, em dezembro de 1864.

Manteve-se o sistema de relevo até aos anos de 1876/1880 que tinha sido proposto por Francisco Borja Freire tomando como modelo a seguir os selos que circulavam na Grã-Bretanha¹⁷. Este processo de impressão foi sendo substituído pelo estampado que era muito mais barato e prático.

Os selos eram separados pelo corte à tesoura, o que demorava tempo e não era um sistema prático para ser utilizado. No entanto, em 1848, o irlandês Henry Archer, inventor da máquina de perfurar, apresentou aos Correios Ingleses um novo meio de perfuração. Em 1854, a Inglaterra adotou esta proposta, tendo sido o primeiro país a fazê-lo. Portugal seguiu o mesmo caminho e, em 1866, adquiriu o novo sistema. No entanto, não se pode afirmar com absoluta certeza que seria este o ano exato. Tal como afirma Eurico Carlos Cardoso, no seu estudo, «Crê-se que a Casa da Moeda decidiu a compra da sua primeira máquina de picotar em Fevereiro de 1866, tendo-a encomendado a uma firma londrina e pouco depois a segunda a uma firma belga. Supõe-se que ambas as máquinas entraram em funcionamento quase simultaneamente no ano de 1867».¹⁸ A máquina de picotar tornou o trabalho de corte do selo mais facilitado uma vez que este processo já não se fazia com a técnica manual e sim por meio de um maquinismo que separava os selos tornando-os todos iguais entre si.

A elaboração de um selo, no período em estudo e na atualidade, é um processo complexo, que contém em si várias operações. Desde que é apresentado o esboço aos serviços responsáveis dos correios até à sua impressão estão incluídos vários aspetos que tornam este processo único. Desde que o artista esboça o seu primeiro desenho até à feitura do original e este ser aprovado são tomados alguns passos a ter em conta. Normalmente o artista desenha uma maquete, seguindo a ideia do tema da emissão, e envia-a para os serviços responsáveis dos CTT. Neste trabalho é anotado todo o pormenor a alterar. Estas modificações podem ser simples, como por exemplo, colocar a palavra «CORREIOS» do lado esquerdo em vez de se apresentar do lado direito, substituir o local da taxa pelas datas comemorativas do selo, ou ainda alterar algum tipo de letra que não agrada ou esteja grande ou pequena de mais. Neste processo é trocada correspondência entre o artista, que estará sempre a melhorar o seu desenho, e os responsáveis pelos serviços artísticos dos CTT. Assim que a ilustração está de acordo com os parâmetros desejados é dito ao artista, cuja escolha é feita por concurso, que o seu desenho foi aprovado e que seguirá para impressão. A escolha do artista é feita através do Consultor Técnico e Artístico dos correios que estabelece o primeiro contacto com o artista plástico para a feitura dos

¹⁷ A primeira emissão de selos portuguesa representando a efígie de D. Maria II eram idênticos ao projeto inicial elaborado por Rowland Hill na Grã-Bretanha ilustrando o perfil da Rainha Vitória.

¹⁸ In Cardoso (1984), *Os Correios os Selos e a Filatelia*, p. 25.

desenhos que iriam dar origem ao selo. Eram escolhidos os artistas mais consagrados no domínio da pintura e da arte. Eram cumpridas as normas de concursos abertos para que se pudesse escolher o melhor desenho dos artistas em concurso. Ao fim de aprovada a maquete eram estabelecidos vários esboços e aperfeiçoamentos sendo que a Administração dos correios era constantemente informada do andamento da obra. Quando o desenho estava finalmente concluído e cumprido o plano estabelecido, os desenhos originais eram entregues, maioritariamente, para produção na Casa da Moeda (atual Imprensa Nacional da Casa da Moeda –INCM).

Depois de ser entregue a maquete do selo, previamente aprovada pelos correios, é iniciada a feitura do selo. O original pode apresentar grandes dimensões, no entanto este será reduzido para o tamanho de selo definitivo que depois entrará em circulação. Para que este processo se concretize, a imagem tem de ser repetida entre 100 a 200 vezes, numa máquina concebida para este fim, que é a mesma que reproduz as notas de banco. Depois das películas e chapas e das cores terem passado pelo *off-set* clássico, o selo passa à fase de impressão. Durante todas estas operações, uma de cada vez, são-lhe colocados a taxa, a numeração, o motivo e as várias cores que cada selo deve ter, seguindo sempre a ideia original do artista que desenhou o selo. As cores de um selo podem atingir entre 10 a 14 cores, tantas quanto forem necessárias através da passagem pela máquina onde é introduzida a folha que contém os selos já reduzidos ao tamanho de circulação. Estas folhas, já com os selos impressos, são submetidas a uma seleção de qualidade, sendo esta verificada folha por folha. Todas as folhas que não corresponderem à qualidade exigida são rejeitadas. A fase seguinte é feita na secção de picotagem. As folhas já conferidas com os selos passam por uma máquina que produz a picotagem dos selos. De seguida é feita mais uma fase de seleção de qualidade, folha a folha. Por fim as folhas passam por um equipamento de gomagem, pautagem e corte e são embaladas e entregues aos CTT.

Dá-se o nome de denteado ou picotado à serrilha que o selo apresenta, que delimita as suas margens. Este denteado designa-se pelo número de dentes cortados em dois centímetros lineares. Com raras exceções, os selos portugueses apresentam quatro margens. Pode dar-se o caso de o número de dentes ser igual em todas as margens. Então diz-se que o denteado é simples, por exemplo, 12,5. Se o picotado vertical for diferente do picotado horizontal, o denteado é composto, por exemplo, 15 x 14. A sua indicação representa primeiro o horizontal e depois o vertical.

O selo postal que se encontra numa carta, seja ela enviada para Portugal ou para o estrangeiro, seja num sobrescrito pequeno ou numa encomenda de grandes dimensões, é sempre um grande veículo cultural. Aliás, como se pode ler no estudo de Eurico Carlos Cardoso, «O

selo postal aposto numa carta constitui (particularmente a partir de 1934-35) um verdadeiro veículo didático e cultural que circula pelo mundo fora, sem fronteiras.»¹⁹ É por este motivo que o Consultor Técnico e Artístico dos correios contrata os artistas portugueses com maior prestígio, uma vez que o selo servia (e ainda serve) de «cartaz» turístico e como meio de propaganda. Com a expansão que tem pelo mundo das correspondências, existia por parte do governo em estudo a vontade de por a circular emissões que mostrassem as belezas da nação, o seu folclore, os monumentos e o património cultural e artístico. Através do selo postal se fazia propaganda com o objetivo de despertar o desejo de visitar e conhecer o país.

2.3. O colecionismo de selos postais

O selo postal assumiu desde sempre uma importância marcante, tanto enquanto elemento artístico, como na transmissão da cultura portuguesa. Importância que se traduz desde há muito tempo pela arte do colecionismo filatélico.

O colecionismo nasceu da vontade de conservar o selo para que mais tarde outras gerações pudessem ter contacto físico com este objeto. O valor e a beleza que o selo representava eram mais importantes do que a sua aplicação prática. Os selos mantêm sempre o seu valor enquanto são novos²⁰, no entanto podem obter-se selos usados que têm um valor diferente dos novos uma vez que já circularam e podem apresentar alguns danos. Mesmo que não apresentem desgaste têm certamente a marca do carimbo de circulação e isso é o suficiente para perderem valor. Os selos têm um encanto particular e, por norma, têm uma estampa atrativa que leva à curiosidade e ao colecionismo. O colecionador de selos atua não apenas como comprador, mas também através de transações no mercado filatélico, por meio de trocas ou vendas. As coleções privadas de selos podem ser transmitidas por herança de geração em geração. Para um selo poder estar numa coleção e ter valor filatélico deve obedecer a uma série de parâmetros:

- a) Não deve apresentar cortes, furos, dobragens, riscos ou vincos;
- b) Deve apresentar um picotado aparentemente perfeito;
- c) No caso de se tratar de um selo que não tenha picotado este deve apresentar a mesma largura nas margens²¹;
- d) O papel onde foi fabricado não deve estar definhado;

¹⁹ In Cardoso (1984), *Os Correios os Selos e a Filatelia*, p. 34.

²⁰ Chamam-se selos novos a todos os selos que não circularam, que estão em bom estado de conservação e não têm qualquer marca como por exemplo de um carimbo.

²¹ A largura da margem é o intervalo normal existente entre dois selos dispostos numa folha de selos.

- e) Deve apresentar a cor original;
- f) Não deve apresentar marcas de tinta, lápis ou demais manchas;
- g) Deve possuir a goma original.

O colecionismo de selos postais é um passatempo que foge das zonas de influência intelectual, produzindo distrações estimulando e cultivando os sentidos e qualidades humanas. A nível cultural, o colecionismo de selos prova que é mais do que uma mera distração para o indivíduo. É um caminho de cultura, saber e instrução. Quem vê um selo e não sabe o significado ou a história da figura por ele transmitida fica com curiosidade e investiga sobre o motivo representado e deste modo vão se diversificando os quase todos os campos da cultura. As exposições filatélicas colaboram para o desenvolvimento cultural nos indivíduos em geral. São muitos os aspetos positivos que se podem encontrar com a realização desta prática. O contacto entre os colecionadores, o turismo que impulsiona, a amizade nacional e internacional são algumas das vantagens das exposições filatélicas. Estes acontecimentos, por norma, são organizados por temas, como por exemplo, a história, a arte, os políticos, os poetas, a fauna, a flora regional, entre outros.

Outro aspeto muito importante é a legenda do próprio selo. Esta informa o observador do tema tratado e colabora no sentido de fornecer informação que vai além da observação do motivo que o selo representa, contribuindo para um melhor entendimento, estimulando a curiosidade do observador. O selo postal pode estimular os contactos internacionais, mais concretamente através das exposições filatélicas internacionais, como é o caso das exposições filatélicas luso-brasileiras chamadas de «Lubrapex»²² que, a partir de 1966 e de dois em dois anos, alternadamente, acontecem no Brasil e em Portugal. Em 1984 a mostra realizou-se na FIL onde estiveram representadas as administrações postais de alguns países africanos como é o caso de Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Cabo-Verde e Guiné-Bissau.

2.4. A Europa unida pelo selo postal europeu

²² Mostra internacional de filatelia da qual participam colecionadores portugueses e brasileiros ou dos demais países de língua oficial portuguesa.



Figura 2 Europa CEPT - 1960

Em 1951, a Assembleia Consultiva do Conselho da Europa declarou que seria estabelecida uma União Postal entre os países membros. Em 1949 a Assembleia já tinha proposto a emissão de um selo postal europeu que unisse os diferentes países da união europeia. Os primeiros selos «Europa» foram emitidos em 15 de setembro de 1956 pelos países membros²³. Em 1960 já se contava com Portugal e Espanha como Estados membros e todos os anos a partir de então é lançada uma série anual da emissão acima citada que obedece às diretrizes da European Conference of Postal and Telecommunication (CEPT) e cujos selos podemos observar através da figura 2. No ano de 1974, a Conferência Europeia deliberou que fosse aprovado um tema único que cada Administração Postal pudesse tratar de modo livre. Em 1984, foi deliberado pelo CEPT que os desenhos a serem emitidos nos selos tivessem um carácter único e para tal efeito foi aberto um concurso público internacional. Dos trabalhos apresentados foi escolhida a proposta do Mónaco. O motivo do selo seria, então, uma ponte que simbolizava a comunicação entre os vários povos e a união dos países membros. Este facto mostra que existe uma consciencialização de que o selo postal é um importante veículo de ligação entre as várias nações através de uma unidade europeia postal.

2.5. A importância da UPU no mundo filatélico

A UPU foi fundada em 9 de outubro de 1874²⁴, em Berna, na Suíça, tornando-se uma agência especializada da ONU a partir de 1948. A UPU contribui para o desenvolvimento de atividades da ONU promovendo o sucesso social e económico de interesse universal. Uma das funções desta organização é o envio para todos os Estados membros de selos de vários países

²³ No ano de 1956 os países membros da União Europeia eram a Bélgica, França, Luxemburgo, Holanda e República Federal Alemã.

²⁴ No dia 15 de setembro de 1874 foi aprovada a primeira convenção coletiva que determinava o serviço postal internacional por uma assembleia de delegados de 22 países, fundando a União Geral dos Correios. No entanto, em 1878, os delegados da UGC, confrontados com o alargado número de adesões deliberaram a alteração do nome da instituição para aquele que hoje conhecemos, a UPU. <http://www.fpc.pt/Portals/0/PDF%20Exposicoes/2014/Folha%20sala%20Em%20Destaque%20PT.pdf> consultado no dia 2 /07/2015

membros. Estes são rececionados pelas organizações competentes e guardados, possibilitando ao indivíduo o acesso aos mais diversos selos de quase todo mundo. A UPU contribui para a união das nações através do selo postal assegurando também o aperfeiçoamento dos vários serviços postais garantindo a evolução do setor postal para que este possa responder às necessidades de comunicação dos consumidores e empresas em todo mundo. Esta organização colabora para dar a conhecer os selos portugueses aos mais diversos países fazendo com que a história da nação percorra o mundo não apenas num sobrescrito ou numa encomenda postal mas também através do envio dos selos portugueses a todos os países membros. Estes selos são guardados e preservados e mostrados ao público sempre que solicitado através de exposições ou catálogos. Portugal recebe periodicamente mostras de selos enviados pela UPU de todos os países. Esta responsabilidade está a cargo da FPC que os receciona, guarda e preserva.

2.6. Variedade de Selos

Existe uma série de tipos de selo que se podem agrupar por categorias para que melhor se possa entender a filatelia no campo do selo postal. Quando se fala em selos postais, é necessário conhecer as várias definições para melhor se poder estudar o selo como veículo de cultura.

- a. Selo de Beneficência – cujo montante se destina a obras de caridade
- b. Selo Comemorativo – a sua emissão tinha como propósito a comemoração de um acontecimento seja uma homenagem a alguma individualidade ou também de divulgar o património regional ou nacional artístico e cultural.
- c. Selo de Correio Aéreo – selo que tem uma inscrição que diz «Aéreo». O que tem este selo de curioso é que não era obrigatório que este circula-se por via aérea podendo franquear a correspondência por via terrestre.
- d. Selo de Encomendas Postais - selo que tem uma inscrição que diz «Encomendas Postais». Destina-se a franquear a ditas encomendas postais.²⁵
- e. Selo Expresso – selo emitido para circular em cartas que devem ter tratamento «pelo próprio».
- f. Selo Fiscal-Postal – alguns países adotam este selo para correspondência em ocasiões excepcionais.

²⁵ Este tipo de selo deixou de circular em Portugal no ano de 1956, uma vez que a sua existência não se justificava, pois estes selos podiam circular em qualquer tipo de correspondência, assim como as encomendas postais poderiam seguir com outro tipo de selo.

- g. Selo de Jornais – destinava-se a franquear periódicos.
- h. Selo Local – emitido num determinado território e que se destina a franquear apenas dentro desse mesmo território.
- i. Selo de Multa – selo que indica que o sobrescrito não foi devidamente preenchido e/ou não respeitou o tamanho das margens. Tem um agravamento de porte a ser pago pelo destinatário e caso este não aceite a carta será devolvida ao remetente
- j. Selo não denteado – separado por corte
- k. Selo não emitido – embora tenha sido fabricado não chegou a circular
- l. Selo oficial – selo de serviço
- m. Selo Pré-Obliterado – é vendido para servir a grandes empresas que utilizam correspondência postal como algo do quotidiano
- n. Selo de guerra – destinado ao pagamento de um imposto de despesas de guerra
- o. Selo Spécimen – menção sobre certos selos entregues como amostra, são oferecidos por parte dos Correios.

Como se pode observar pela lista, das diferentes definições de selo, que em cima se apresenta, existe um leque vasto de tipos de selos consoante a sua utilidade. Esta informação permite-nos identificar uma emissão de selos, um selo em particular, tendo em conta o seu tipo. Através do nome da emissão e da informação fornecida pela própria fonte – o selo - rapidamente temos acesso ao propósito da sua criação. O Estado Novo adotou o selo comemorativo para poder divulgar as várias comemorações e acontecimentos do regime e deste modo optou pela utilidade deste tipo de selo para fazer chegar ao povo os vários feitos históricos da nação, as suas figuras mais marcantes fazendo uma homenagem ao património regional, nacional artístico e cultural.

3. Estado Novo. Ideologia e Propaganda

O Estado Novo como regime político resulta da evolução do regime de ditadura militar, estabelecido em Portugal após o golpe militar de 28 de maio de 1926, instaurado formalmente com a aprovação de uma nova Constituição para o país em 1933, bem como a definição das novas instituições e novas regras de funcionamento e de relacionamento entre o Estado e os cidadãos. É um regime autoritário, construído à volta da figura do seu líder, António Salazar, fruto de um exercício de interesses conservadores e de uma ideologia autoritária, marcado pelo espírito nacionalista, pelo culto da nação e do seu líder. É neste sentido que se podem encontrar as ideias estruturantes do discurso político de Salazar perante o povo português. Podem agrupar-se estas ideias em três aspetos fundamentais: a exaltação do passado da nação num sentido nacionalista de tradições e valores; a formação de uma identidade nacional caracterizada por uma família tradicional ruralizada; o carácter conservador do regime aliado à Igreja católica onde esta se assumia como um modelo a ser seguido pelo Homem com a finalidade de lhe moldar o comportamento.²⁶ A autoridade, a religião, a família, o trabalho e a nação deviam ser os pilares base do povo português e estavam sempre presentes nos discursos políticos e ideológicos do regime.

Para se fazer valer estes dogmas foram criadas instituições que difundiam estes princípios a fim de os fazerem chegar à população. Em 1933, o regime criou o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), nomeando António Ferro para o chefiar. O SPN durou até ao final dos anos 40 e ficou conhecida como «política do espírito». Foi necessário a utilização de estratégias de propaganda para impor no «espírito» de todos os dogmas que o regime defendia. A criação do Secretariado de Propaganda Nacional visava cumprir uma função fundamental no sentido de fazer chegar à população, no geral, as certezas indiscutíveis do regime.

O Estado Novo desenvolveu um plano bem articulado para fazer vingar a adesão aos seus ideais e desenvolver a implantação do regime no todo território nacional: instaurando a censura prévia e uma polícia política, construindo casas do povo, sindicatos nacionais, criando organizações, como foi o caso da Mocidade Portuguesa e da Legião Portuguesa.

Ao longo deste capítulo procuraremos, de forma sucinta, apresentar as principais marcas do campo ideológico e do ideário do Estado Novo, bem como as iniciativas desenvolvidas de carácter propagandístico. Pretende-se expor as características do regime, do seu pendor

²⁶ Rosas, Fernando (1998), *O Estado Novo (1926-1974)*, VII volume da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Editorial Estampa, p. 259.

autoritário, regido por um líder arbitral e caracterizado pelos seus discursos de caráter ideológico, usando a propaganda nos mais diversos meios com a finalidade de levar ao povo novos hábitos de disciplina, investindo numa difusão ideológica de cultura popular.

3.1. A Ascensão do Salazarismo – da ditadura Militar à Constituição de 1933

O golpe militar de 28 de Maio de 1928 instaurou em Portugal uma ditadura militar, pondo fim ao regime republicano, fundado em 1910. Em 1928, Salazar foi convidado para ministro das Finanças, cargo que aceitou uma vez que seria uma oportunidade para poder desempenhar o seu programa financeiro, marcado pelo autoritarismo e antiliberalismo. Em 1931 é criada a União Nacional, o partido único num regime onde a liberdade de opinião e de expressão era inexistente. Marcadamente nacionalista, autoritário e corporativista, o partido único reuniu vários grupos diversos, desde católicos, a monárquicos, a republicanos, sindicalistas e liberais. Consistia numa força organizada que se apresentava como lutando contra a anarquia e a desordem. Pretendia atuar na educação espiritual, mental e moral da sociedade enraizando nela os princípios ideológicos que defendia.

A figura de Salazar vai-se impondo na política e em 1932 é nomeado primeiro-ministro, ou, como então se afirmava, presidente do Ministério. Desde 1926 vigorava a censura prévia à imprensa, meio utilizado pelo líder para obter o controlo sobre toda a informação que chegasse à sociedade. No mesmo ano foi criada a Polícia de Informação e em 1931 esta passou a ter a seu cargo a repressão do comunismo e dos opositores do regime²⁷. Em 1933, de acordo com a Constituição, ficou legitimado um regime com características autoritárias. Como base estiveram as ideias de Salazar apoiadas pelo Conselho Político Nacional e submetidas a plebiscito nacional. Era constituída por catorze títulos que diziam respeito à Nação Portuguesa²⁸. Num discurso na sede da União Nacional, Salazar fazia um apanhado geral dos parâmetros da nova Constituição falando da riqueza, do trabalho, do Estado e da Associação profissional:

²⁷ A Polícia de Informação passa a ser chamada, em 1933, de Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE).

²⁸ A constituição tinha catorze títulos: «1.º Da Nação Portuguesa; 2.º dos cidadãos; 3.º da família; 4.º das corporações morais e económicas; 5.º da família, das corporações, das autarquias como elementos políticos; 6.º da opinião pública; 7.º da ordem administrativa, política e civil; 8.º da ordem económica e social; 9.º da educação, ensino e cultura nacional; 10.º das relações do Estado com a Igreja Católica e demais cultos; 11.º do domínio público e privado; 12.º da defesa nacional; 13.º das administrações de interesse coletivo e 14.º das finanças do Estado» In [http://www.infopedia.pt/\\$constituicao-de-1933](http://www.infopedia.pt/$constituicao-de-1933) consultado no dia 29/07/2015.

- «a) A Riqueza: os bens, a produção não constituem em si próprios fins a atingir: têm de realizar o interesse individual e o interesse colectivo (...);
- b) O Trabalho: se o homem não deve ser escravo da riqueza, também não deve organizar a vida de modo a ser escravo do trabalho (...) para que não desça além do que é imposto pelas exigências duma vida suficiente e digna.
- c) A Família: subamos agora mais alto e ponhamos este problema: a produção que lida com trabalhador pode ignorar a família? O homem que trabalha não é só; ele vive enquadrado numa sociedade natural, geralmente não a família de que proveio, mas a família que ele constituiu.
- d) A Associação Profissional: no campo da actividade profissional não deve também o trabalhador estar só. Naturalmente ele terá tendência para se associar com outros a fim de defender melhor os interesses materiais e morais da profissão. Ora o sindicato profissional é, pela homogeneidade de interesses dentro da produção, a melhor base de organização do trabalho,
- e) O Estado: o Estado deve manter-se superior ao mundo da produção, igualmente longe da absorção monopolista e da intervenção pela concorrência. (...) mas em o Estado poder abandonar qualquer campo de actividade por nele ser suficiente a iniciativa privada.»²⁹

Em relação ao trabalho, Salazar argumentava que todo o trabalho era digno quando desempenhado para a coletividade. Dizia também que, apesar do trabalho ser digno sob o ponto de vista humano, não tinha o mesmo valor economicamente. No entanto, ser-lhe-ia fixado um valor mínimo para que pudesse ter uma vida digna. No que diz respeito à família, Salazar afirmava que o homem vive não na família que o gerou, mas sim na que construiu. A mulher não deveria trabalhar fora do lar, pois poderia desagregar a família e conseqüentemente afetar a educação dos filhos e as lides domésticas. Salazar defendia que a família unida e forte elevava a qualidade e quantidade do trabalho executado. No campo da associação profissional Salazar apoiava que o homem não deveria trabalhar só mas sim com o apoio do sindicato profissional. No que diz respeito ao Estado apoiava a ideia que este deveria manter-se superior, acima de todas as coisas. Deveria ser forte e era dever do Estado a proteção da economia nacional, a

²⁹http://www.oliveirasalazar.org/download/documentos/Volume%20I_E0A45297-5979-4CFF-AB90-E70192F3E308.pdf sítio online onde constam os discursos de Salazar, retirados do I Volume (1928 – 1934) 5.º Edição, Revista, Coimbra Editora, Limitada em 1961, consultado no dia 29/07/2015

defesa externa, zelar pela paz, pela justiça, pela manutenção dos serviços económicos e pela proteção das classes menos favorecidas.

3.2. A Ideologia Salazarista

O discurso ideológico do Regime tomou forte vigor a partir dos anos 30, e aí os valores nacionalistas e católicos conservadores eram uma constante. Salazar criou um regime com uma ideologia autoritária e «(...) estatista, mergulhado no quotidiano das pessoas (ao nível das famílias, da escola, do trabalho, dos lares)»³⁰ com o objetivo de moldar o homem à imagem que o chefe de Estado pretendia. Segundo o historiador Luís Reis Torgal, o regime criou uma ideologia que se reproduziu em vários meios e com diferentes estratégias «O Estado Novo, detentor de um sistema ideológico bem organizado, procurou reproduzi-lo através de variados meios e das mais diversas estratégias»³¹. É esta ideia que se pretende analisar e procurar entender as várias vias adotadas pelo regime para fazer passar a mensagem. Os valores que formaram a ideologia salazarista foram o corporativismo e o nacionalismo, afirmando-se que era necessária uma autoridade rígida e firme, uma vez que o povo português era de brandas tradições e costumes, no entanto necessitava de orientação. Para se fazerem valer estas ideias Salazar constrói um esquema axiológico tanto nas declarações a António Ferro como nos seus discursos. Em 1934, Salazar resume os princípios ideológicos do seu regime no «Decálogo», cuja elaboração também contou com a participação do presidente do Secretariado de Propaganda Nacional:

- a) «O Estado Novo representa o acordo e a síntese de tudo o que é permanente e de tudo o que é novo, das tradições vividas da Pátria e dos seus impulsos mais avançados. Representa, numa palavra, a vanguarda moral, social política.
- b) O Estado Novo é a garantia da independência e da unidade da Nação, do equilíbrio de todos os seus valores orgânicos, da fecunda aliança de todas as suas energias criadoras.
- c) O Estado Novo não se subordina a nenhuma classe. Subordina, porém, todas as classes à suprema harmonia do interesse Nacional

³⁰ In Rosas, Fernando (2001), «O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo», *Análise Social*, vol. XXXV (157), p. 1031.

³¹ In Torgal, Luís Reis (1989), *História e Ideologia*, Coimbra Edições Minerva, p. 172.

- d) O Estado Novo repudia as velhas fórmulas: autoridade sem liberdade, liberdade sem autoridade e substitui-as por esta: autoridade e liberdades.
- e) O Estado Novo o indivíduo existe, socialmente, como fazendo parte dos grupos naturais (famílias), profissionais (corporações), territoriais (municípios) e é nessa qualidade que lhe são reconhecidos todos os necessários direitos. Para o Estado Novo, não há direitos abstratos do Homem, há direitos concretos dos homens.
- f) «Não há Estado Forte onde o Poder Executivo não o é». O Parlamento subordinava o Governo à tirania da assembleia política, através da ditadura irresponsável e tumultuária dos partidos. O Estado Novo garante a existência do Estado Forte pela segurança, independência e continuidade da chefia do Estado e do Governo.
- g) Dentro do Estado Novo, a representação nacional não é de ficções ou de grupos efémeros. É dos elementos reais e permanentes da vida nacional: famílias, municípios, associações, corporações etc.
- h) Todos os portugueses, têm direito a uma vida livre e digna – mas deve ser atendida, antes de mais nada, em conjunto, o direito de Portugal à mesma vida livre e digna. O bem geral suplanta – e contém – o bem individual. Salazar disse: «Temos obrigação de sacrificar tudo por todos: não devemos sacrificar-nos todos por alguns.»
- i) O Estado Novo quer reintegrar Portugal na sua grandeza histórica, na plenitude da sua civilização universalista de vasto império. Quer voltar a fazer de Portugal uma das maiores potências espirituais do mundo.
- j) Os inimigos do Estado Novo são inimigos da Nação. Ao serviço da Nação – isto é: da ordem, do interesse comum e da justiça para todos – pode e deve ser usada a força, que realiza, neste caso, a legítima defesa da Pátria.»³²

Neste decálogo ficaram esclarecidas as diretrizes que Salazar pretendia seguir e impor em termos ideológicos. Estes valores ficariam definidos na trilogia «Deus Pátria e Família», os pilares base para a sociedade portuguesa.

Entendia que a religião deveria ser encarada como uma prática tradicionalista o que contribuía para a obediência dos cidadãos. Na verdade, a religião reforçava essa obediência consagrando o valor da Igreja e do poder espiritual para guiar as mentes, consolidando uma consciência religiosa, como afirma Adélia Mineiro «Na realidade, a igreja católica contribuía,

³²<http://historiaaberta.com.sapo.pt/lib/doc006.htm> António Ferro, *O Decálogo do Estado Novo*, História Aberta, consultado em 30/07/2015

ainda, para o reforço da obediência, quando defendia a aceitação e o fatalismo.»³³ A Pátria era encarada como um território moral e independente, com um passado histórico do qual todo o cidadão se deve orgulhar. Na alínea *d*) entende-se que a autoridade deveria prevalecer sempre sobre os princípios da liberdade associando a autoridade aos valores da ordem e da disciplina. O valor da família, reconhecido por Salazar, correspondia à educação das gerações, onde o lar deveria seguir as ideias do regime pois só assim se poderia viver harmoniosamente. Através deste Decálogo pode entender-se o caráter totalizante do regime, onde está presente a ideia que o Estado representa tudo e que tudo o que não for conforme as diretrizes de Salazar é antinacional, justificando-se assim o uso da força para fazer contrariar tudo o que não estiver de acordo com a realidade política do país.

3.3. A Propaganda no Estado Novo

Foi em 1933 que o regime desenhou pela primeira vez as linhas e métodos gerais da sua política cultural. Criou o Secretariado de Propaganda Nacional³⁴ (SPN), chefiado por António Ferro, que durou até ao final dos anos 40. Eram três as bases deste programa. A primeira consistia no uso da cultura como meio de propaganda; os movimentos culturais deviam ser orientados no sentido de glorificar o regime e o seu chefe. A segunda foi a tentativa de conciliar as velhas tradições e os antigos valores com a modernidade daquele tempo, articulando a ideologia nacionalista com as ideias modernistas e futuristas de António Ferro e seus parceiros. Em terceiro e último lugar, e tendo em linha de conta o referido anteriormente, o programa cultural do regime procurava estabelecer uma cultura nacional e popular com base nas suas raízes e nos ideais do regime. Pode dizer-se que a cultura deste tempo pretendia ser simples, de modo a distrair o povo e não o fazer pensar naquilo que, segundo os membros do governo do Estado Novo, não era da sua competência.³⁵

Algumas das funções do SPN incluíam, assim, o controlo da imprensa e a coordenação dos serviços de censura, a organização de demonstrações em favor do governo e o financiamento de projetos artísticos. O cinema pertencia também à área de intervenção do SPN que financiou diversas curtas-metragens documentais. O Secretariado concedeu ainda subsídios para a produção de longas-metragens, a maioria das quais dedicadas a aspetos da história nacional e da cultura popular.

³³ In Mineiro, Adélia Carvalho (2007), *Valores e Ensino no Estado Novo*, Edições Sílabo, Lisboa, p. 59

³⁴ Mais tarde chamado de Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI).

³⁵ In Rosas, Fernando (1998), *O Estado Novo (1926-1974)*, VII volume da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Editorial Estampa.

António Ferro, mentor da chamada «política do espírito» deu valor à arte defendendo que esta transparecia a grandeza da Nação e que era necessária para o progresso e desenvolvimento do país. Tanto a arte como o espírito são conceitos a ter em conta no campo político tal como Ferro conjecturava «Considerava a política do espírito essencial para o projeto de regeneração do país que o Estado Novo pretende desenvolver e vê na arte (...) o propulsor do progresso nacional»³⁶. Foi através do Secretariado de Propaganda Nacional que foram feitas várias realizações culturais de caráter político. Uma delas foi a Grande Exposição do Mundo Português e «as inaugurações, com pompa e circunstância das obras de fomento do Estado Novo (edifícios públicos, pontes, barragens, bairros sociais)³⁷.

3.4. Os meios de Propaganda

Para além da repressão que caracterizava o regime, sentiu-se a necessidade de criar organismos que dessem apoio à reprodução propagandística e ideológica, com a finalidade de sustentar o Estado Novo. A União Nacional, partido do regime, fazia parte destes organismos. Organizava conferências, congressos e publicações que se formavam em livros, folhetos ou cartazes. No entanto houve a necessidade de criar uma instituição que agregasse e centralizasse no exercício das suas funções tudo o que tivesse relacionado com a propaganda. O SPN/SNI teve um papel marcadamente importante no campo ideológico do regime difundindo a propaganda a nível nacional. De extrema relevância, o SPN destacava-se como organização de informação e de cultura, cujos poderes eram reforçados pelas ordens que lhe eram conferidas. Procurava uniformizar o pensamento popular transformando a cultura em ideologia do Estado Novo.

Foi através de cartazes que se promoveram as campanhas propagandísticas cuja responsabilidade cabia também à Junta de Ação Nacional, cujas competências eram:

- a) «Orientar e coordenar as atividades dos organismos criados e de todos os serviços de ação social dependentes do Ministério das Corporações e Previdência Social;
- b) Exercer ação formativa pelos seguintes meios de ação: Missões de ação social a realizar pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho ou em cooperação com ela, círculos

³⁶ In Vieira, Patrícia (2011), *Cinema no Estado Novo a Encenação do Regime*, Edições Colibri, Lisboa, p. 36.

³⁷ In Mineiro, Adélia Carvalho (2007), *Valores e Ensino no Estado Novo*, Edições Sílabo, Lisboa, p. 63.

de estudos e ciclos de palestras ou conferências, visitas de estudo e cursos noturnos, especializados e de curta duração e de férias.»³⁸

Os cartazes era utilizados para promover eventos importantes, um meio de fazer chegar rapidamente à população, como afirma a autora Adélia Mineiro «pela facilidade de afixação, facilmente poderiam chegar a todas as camadas da população (...) conjugam-se cores, grafismos, palavras de ordem, imagens de fácil descodificação para uma população maioritariamente analfabeta»³⁹. Um outro meio utilizado por Salazar para difundir a sua ideologia e propaganda foi o cinema. Pelo cinema mostrava-se a imagem do país de Salazar, o retrato da Nação elaborado pelas ideologias. Mostrava-se o país não, como ele era na realidade, mas como deveria ser, mostrando às pessoas uma espécie de modelo a seguir. O filme «A Revolução de Maio», de 1937, é um bom exemplo de propaganda política. Nesta longa-metragem tem-se acesso a um conjunto de fatores evolutivos das personagens que no início se opõem ao regime e com o decorrer da trama mudam de opinião e se tornam apoiantes convictos do Estado Novo. Este filme vai de acordo com a perspetiva salazarista. Neste filme são utilizadas imagens documentais que ilustram a aderência da população ao Estado Novo, deste modo o filme apresentava-se a favor do governo submetendo a sociedade ao Estado Novo convencendo o público dos benefícios do regime.

Também na literatura o regime encontrou um meio de fazer valer a propaganda. António Ferro criou, ao longo da sua carreira, incentivos à criação literária com o objetivo de transmitir à população entusiasmo pelas ideologias salazaristas e levar a sociedade a acreditar e a aceitar as decisões do governo. Ferro encontrou no cinema um meio viável para a produção de filmes inspirados em obras literárias. Como afirma Patrícia Vieira, «As produções cinematográficas inspiradas em obras literárias cujo enredo decorria no passado ou na vida de escritores de renome uniam o desejo de Ferro de utilizar a literatura como fonte do cinema nacional e a sua preferência por filmes históricos.»⁴⁰ António Ferro pensava que a utilização de filmes históricos era um caminho sólido para o cinema português. Outras foram as formas de propaganda através de cartilhas, decálogos e publicações de rápida compreensão. Eram formas de propaganda que defendiam e reproduziam a ideologia salazarista. Os jornais constituíram uma outra via adotada para este fim formando-se de grande impacto junto da população. A rádio, o teatro e a televisão

³⁸ <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4206524> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, consultado a 30/07/2015

³⁹ In Mineiro, Adélia Carvalho (2007), *Valores e Ensino no Estado Novo*, Lisboa, Edições Sílabo, p. 64.

⁴⁰ In Vieira, Patrícia (2011), *Cinema no Estado Novo a Encenação do Regime*, Lisboa, Edições Colibri, p. 52.

ocupavam um lugar privilegiado no que diz respeito à transmissão de informação e conhecimento junto da sociedade mas não só.

Eram utilizadas outras formas de difundir a ideologia do regime: pelo ensinamento da história, nas escolas através dos textos que as crianças estudavam, de exposições, através do desporto e das comemorações e cortejos como é o caso festejo, em 27 de fevereiro de 1939, em Lisboa⁴¹. Neste encontro eram comemorados a história da nação, como é o caso da expansão portuguesa, os monumentos erguidos ao longo do passado e a língua e a literatura existentes⁴².

Também através do selo postal o Estado encontrou um modo de fazer chegar à população os seus ideais e convicções. Nos selos pode-se encontrar alusões à religião, à família, à Pátria, à história e à literatura. Muitas foram as emissões de selos postais que circularam no período em estudo. O próximo capítulo trata precisamente deste caso. São dados exemplos de várias emissões de selos que ilustram o Estado Novo nas suas mais variadas vertentes. É interessante ver como através de um pequeno papel se poderia transmitir uma mensagem tão grande carregada de simbolismo e propaganda. Através da análise que se segue pode-se entender o valor do selo como meio de difundir valores. Pode-se também entender que cada pormenor não era feito sem uma meticolosa reflexão.

⁴¹ Manifestação de homenagem ao chefe de estado promovida pelos sindicatos nacionais de todo o país que reuniu em Lisboa um número superior de 250 mil pessoas.

⁴²In Portuguese Fascist Propaganda (With Translation) <https://www.youtube.com/watch?v=JYKEKwWYmJE> consultado no dia 10/09/2015

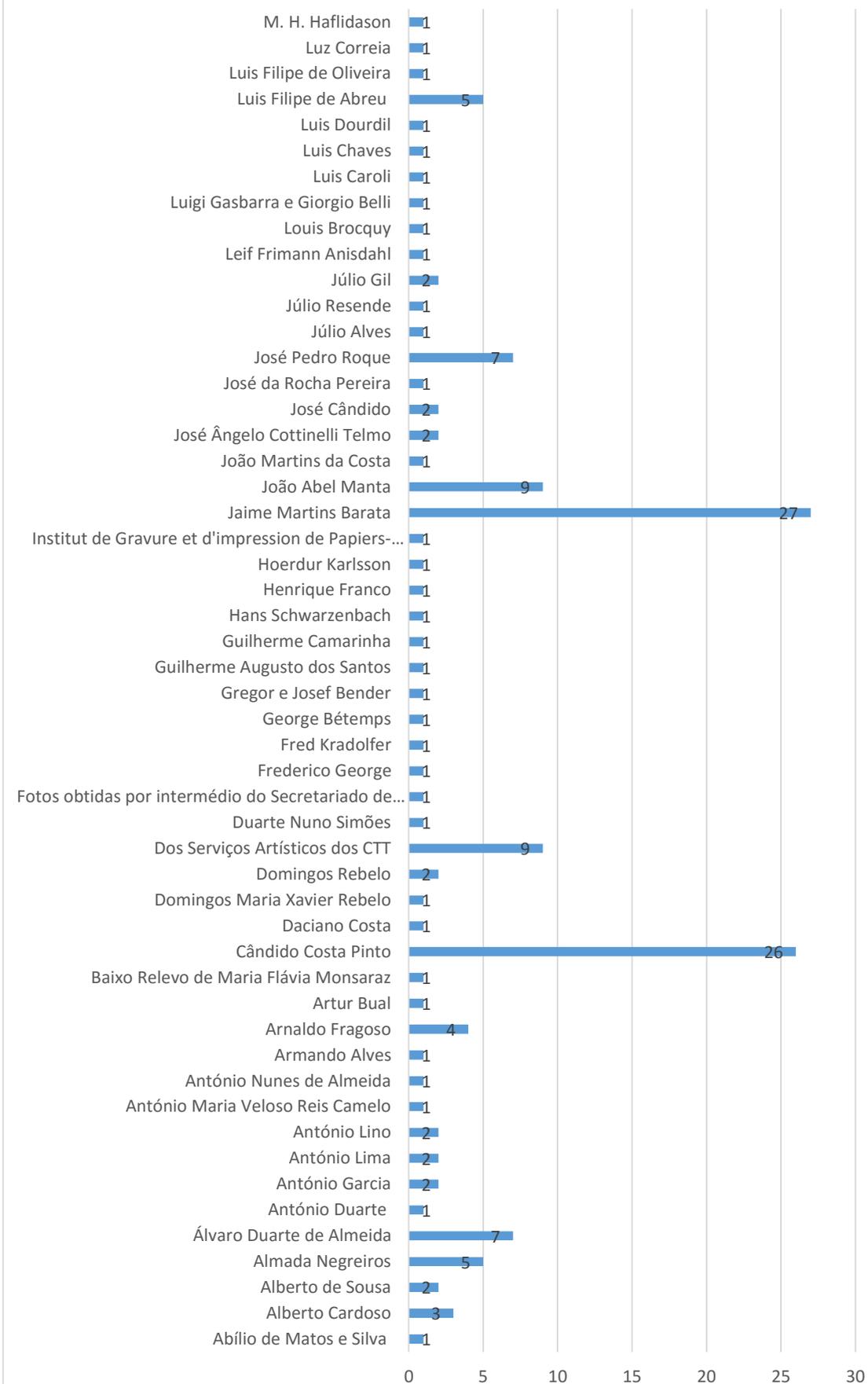
4. O Selo Postal Português. Propaganda e Transmissão de Valores

A pesquisa empírica desenvolvida no âmbito da realização desta dissertação de mestrado visa a apresentação e a análise de 30 emissões de selos postais portugueses. Trata-se de emissões todas elas realizadas entre os anos 1933 e 1973, abrangendo desta forma a totalidade do período de tempo em que, em Portugal, vigorou o regime autodenominado de Estado Novo.

Durante estes 40 anos, entre 1933 e 1973, foram lançadas um total de 178 emissões de selos postais. Estas emissões abrangem um conjunto de categorias que são elas a «História», a «Literatura», «Regime», a «Família», a «Religião». Por serem um conjunto extenso de emissões postais e por ser difícil trata-las e analisá-las no seu todo, decidiu-se que se deveriam agrupar segundo a temática abordada e, posto isto, surgiram as categorias acima citadas.

Na impossibilidade de proceder a uma análise exaustiva da totalidade das emissões de selos postais realizadas, o que certamente não seria possível realizar no prazo de 1 ano, o prazo dado para a realização deste trabalho, e de forma individual, foi necessário proceder a uma seleção específica de emissões de selos postais que seriam objeto de estudo e de análise. Considerando que todas as emissões de selos são igualmente importantes e com significado, os critérios que presidiram à definição da amostra que aqui analisamos foram de obedecer a um intervalo de tempo médio considerável e aceitável, 6 anos, para poder desenvolver e criticar cada emissão de selos de forma clara e objetiva. Para a escolha destas emissões em análise estiveram também em causa os autores dos selos. A lista de autores é extensa, contando com 68 autores para 178 emissões o que quer dizer que muitos dos autores elaboraram várias emissões de selos. As 30 emissões selecionadas procuraram encontrar a maior parte dos autores, no entanto, existem casos em que um único autor desenhou várias emissões como se pode observar através do gráfico da figura 3 que se apresenta de seguida. Este gráfico mostra que autores como Jaime Martins Barata, Cândido Costa Pinto, Álvaro Duarte de Almeida, João Abel Manta, José Pedro Roque e Almada Negreiros elaboraram mais que uma emissão chegando mesmo às 27 emissões no caso de Jaime Martins Barata. Deste modo pode-se dizer que a escolha foi feita seguindo uma lógica coerente de modo a poder agrupar as temáticas nas subcategorias e categorias criadas existindo assim um equilíbrio temático e de autoria entre elas.

N.º de Emissões Realizadas



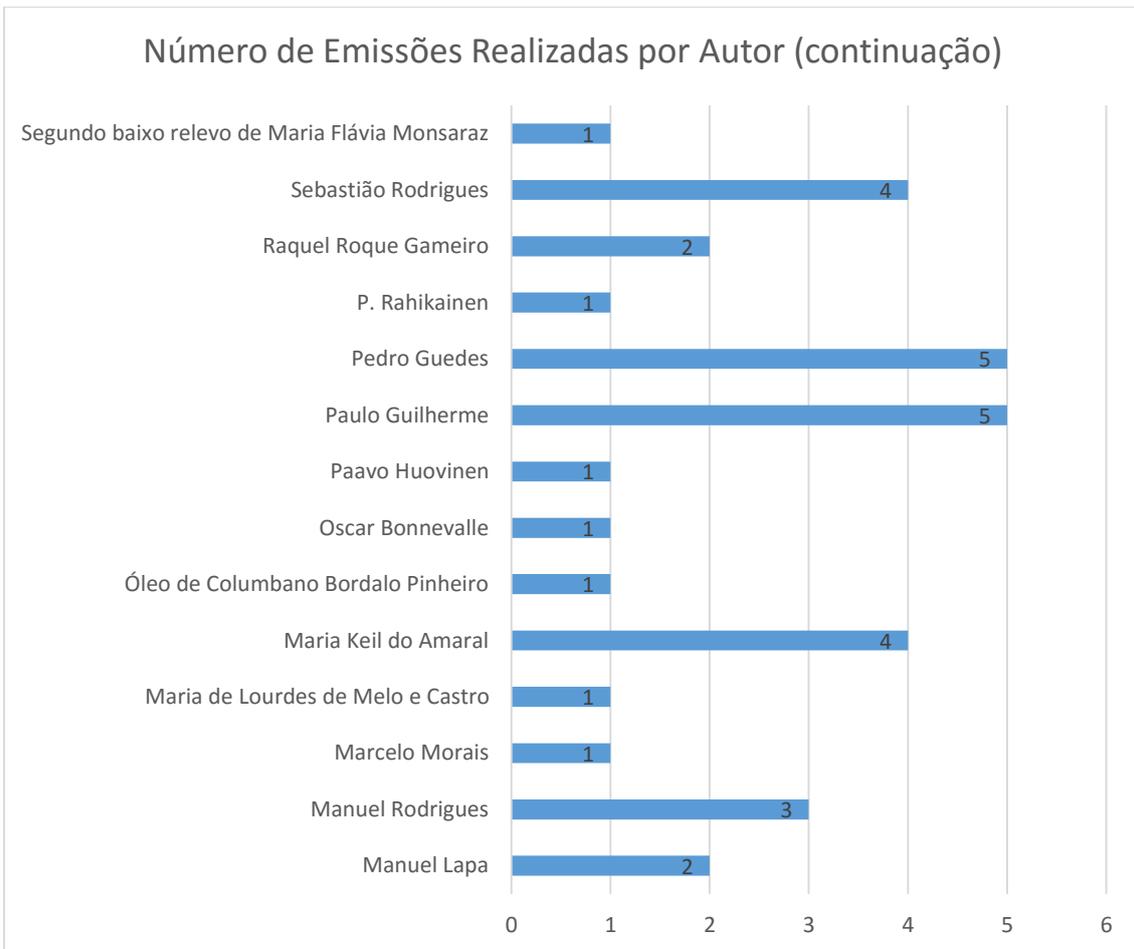


Figura 3 Gráfico com número de emissões realizadas por autor

Para melhor se entender o grande número de emissões criadas no período em estudo, 1933-1973, foi criado um gráfico que ilustra a totalidade das emissões agrupadas por ano.

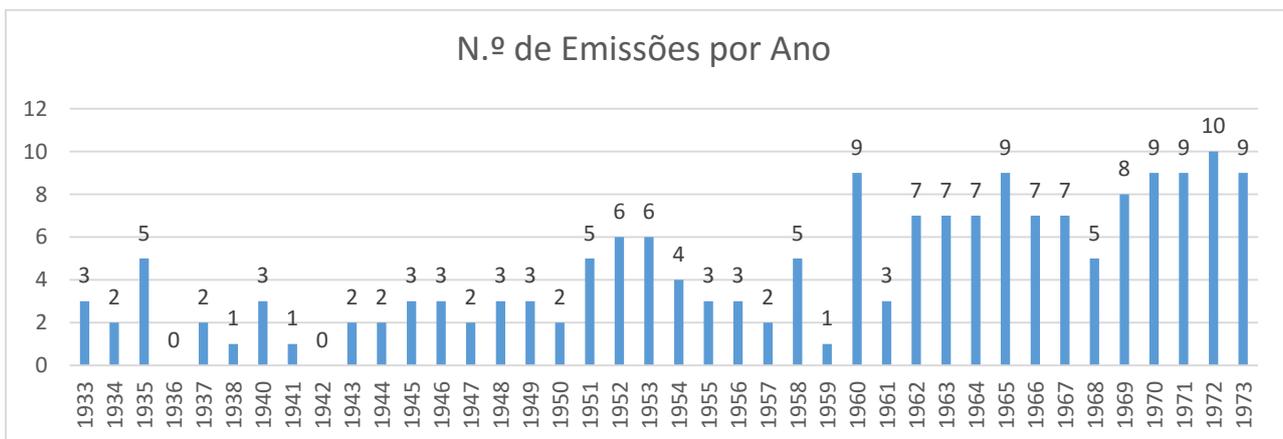


Figura 4 Gráfico com o número de emissões por ano

A partir do gráfico da figura 4 temos acesso ao número de emissões criadas por ano. Podemos constatar que desde o ano de 1933 até ao ano de 1950 não existiam, por ano, mais de cinco emissões. Apenas a partir de 1951 houve um aumento no número de emissões porém os anos de 1954, 1955, 1956, 1957, 1958 e 1959 houve oscilações, mas nada de considerável. A partir de 1960 registam-se os anos com maior número de emissões, sendo 1960, 1965, 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973 os anos em que se verificam maior número de emissões. Para concluir podemos dizer que o ritmo médio anual é de quatro emissões por ano.

No período do Estado Novo as emissões de selos postais marcavam principalmente comemorações sendo que mais de metade das 178 emissões realizadas serviam para assinalar efemérides. Estas comemorações abrangem um vasto leque de temas como é o caso das emissões: «1.º Centenário da Fundação das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto» de 1937; «4.º Centenário da Fundação da Universidade de Évora», de 1960 e «2.º Centenário do Ensino Oficial Primário», de 1973 que evocam a questão educacional; «1.º Centenário dos Caminhos de Ferro em Portugal», de 1956; «1.º Centenário do Telégrafo Eléctrico em Portugal», de 1955 e «10.º Aniversário da TAP», de 1963 que fazem uma alegoria às obras realizadas no país cuja finalidade era servir o povo, e também temos o caso das comemorações que dizem respeito a grandes figuras da sociedade como o caso de «1.º Centenário do Nascimento de Guilherme Gomes Fernandes», de 1953; «1.º Centenário do Nascimento do Prof. Gomes Teixeira», de 1952; «2.º Centenário do Nascimento de Félix Avelar Brotero» de 1944 e «1.º Centenário do Nascimento do Prof. Doutor Ferreira da Silva», de 1956. Curiosamente não existiu nenhuma emissão de selo alusiva ao Presidente Salazar enquanto este ainda estava no poder. A única emissão relativa a este realizou-se em 1971 já após a sua morte. Também o desporto está presente através das emissões como é o caso do «8.º Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins», de 1952 e da «Dupla Vitória do Sport Lisboa e Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus» de 1963. O regime encontrou nos selos uma maneira de comemorar a elevação de alguns territórios à categoria de cidade, cujas emissões apesar de comemorativas faziam parte da manobra do regime para exaltar algumas cidade do país como é o caso de «1.º Centenário de Santarém Cidade», de 1970; «1.º Centenário da Elevação de Setúbal á Categoria de Cidade», de 1961; «8.º Centenário da Cidade de Tomar», de 1962»; «5.º Centenário da Cidade de Bragança», de 1965; e «1.º Centenário da Covilhã Cidade», de 1970. Podemos dizer que através dos selos são abordadas as mais diversas comemorações e temas de modo a levar junto da população uma grande quantidade informativa sobre a cultura e valores nacionais. Deste a alusão «Deus, Pátria Família», até às comemorações desportivas são encontrados temas para transmitir a propaganda do regime sem que se pense muito nisso. O que

queremos dizer com esta última frase é que o cidadão comum, quando via um selo, por exemplo sobre desporto, não relacionava este com o regime mas sim com uma prática de lazer. Era um dos objetivos do Estado Novo que o cidadão comum não pensasse muito sobre as questões políticas, mas sim com os «factos grandiosos» da nação, cujos acontecimentos tanto poderiam ser do passado como da própria época.

4.1. Representação da História através do Selo Postal

Durante o Estado Novo era recorrente a apropriação e o uso da história como meio de propaganda e de enaltecimento do ideário do regime. Num sentido tradicionalista e imperial, o Estado Novo afirmava pretender um reencontro com a nação e com o seu passado, um passado seletivo que se cingia ao enaltecimento de alguns factos e ao esquecimento de outros, respeitando ao exaltamento dos considerados «feitos gloriosos» praticados pelo povo português, sendo o caso paradigmático os chamados descobrimentos marítimos portugueses. Também os considerados como grandes monumentos construídos ao longo do passado ou ainda algumas figuras das dinastias que governaram Portugal eram destacadas e enaltecida a sua ação, como é o caso do Infante D. Henrique. Pelo contrário, foi claro o objetivo de «apagar» da memória dos portugueses alguns períodos da História, tidos como momentos nefastos, como é o caso do período do liberalismo. Como afirma Fernando Rosas «(...) um reencontro com a nação com o seu verdadeiro passado de nautas, santos e cavaleiros e com o seu destino providencial e colonizador, só tornado possível pelo advento do novo regime e com o fechar do parênteses, por ele operado, desse «século negro» e desviante, qual maldição à história, do liberalismo.»⁴³

A leitura e usos da história portuguesa expressa noutros âmbitos perpetuam-se nas emissões de selos, fazendo-se a utilização dos mais variados temas de acordo com a perspetiva do regime para com o passado histórico do país e do seu povo. Desta forma, e para o caso da categoria «História», foram criadas três subcategorias que permitem uma melhor organização relativamente aos selos cuja temática abordada é a História. A primeira subcategoria a ser tratada é a «Monarquia», que reúne os selos postais cuja temática se reporta a figuras e factos relativos aos reis portugueses. Para esta subcategoria foram seleccionadas três emissões de selos postais: a emissão intitulada «Avis», de 1949; a «Reis de Portugal da 1.^a Dinastia», de 1955 e a intitulada «5.^o Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor», de 1958. A segunda

⁴³ Rosas, Fernando (1998), *O Estado Novo (1926-1974)*, VII volume da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Editorial Estampa, p. 259.

subcategoria que definimos diz respeito aos «Descobrimentos», a qual reúne as emissões de selos postais cuja temática respeite a pessoas, ações e objetos conotados com a expansão marítima portuguesa. Pertencem a esta subcategoria as seguintes emissões: os selos postais referentes ao «Infante D. Henrique», de 1935, a «Caravela», de 1943, e os «Navegadores Portugueses», de 1945. A terceira subcategoria que foi definida intitula-se «Monumentos», que corresponde às emissões de selos postais cujo âmbito foi a representação de monumentos históricos do país. A que correspondem as seguintes emissões: o «Templo de Diana», de 1935-1936, a «Sé de Coimbra», de 1935, e os «Castelos de Portugal», de 1946.

4.1.1. A Monarquia

Emissão Avis de 1949



Figura 5 Avis – 1949

Na subcategoria que definimos como «Monarquia», começamos pela análise da emissão de selos dedicada à dinastia de «Avis» realizada em de 1949. Neste âmbito é realizada uma emissão de 8 selos de diferentes taxas, sendo cada um dos 8 selos ilustrado com uma figura diferente. No selo de \$10 está representado o busto de D. João I, o 1.º rei da dinastia de Avis, de perfil à direita; o selo de \$30 exhibe a mulher de D. João I, rainha D. Filipa de Lencastre, de perfil à esquerda; o selo de \$35 apresenta o Infante D. Fernando, cognominado o «Infante Santo», o filho mais novo dos reis, morto durante o cativeiro no Norte de África; o selo de \$50 ilustra o Infante D. Henrique, apresentado como um dos principais impulsionadores da expansão marítima portuguesa e dos «Descobrimentos» tão celebrados durante o Estado Novo. Os restantes selos representam figuras históricas relacionadas com a subida ao poder da dinastia

de Avis: o selo de 1\$00 exibe o Nuno Álvares Pereira, o Condestável do reino, notabilizado pelo seu génio militar e apoio ao rei; o selo de 1\$75 expõe o busto de João das Regras, que terá defendido e justificado a aclamação em cortes de D. João como rei de Portugal; o selo de 2\$00 ilustra Fernão Lopes e por último o selo de 3\$50 representa Afonso Domingues, dado como o arquiteto da traça original do Mosteiro da Batalha, mandado construir por D. João I, como agradecimento pela vitória em Aljubarrota batalha dada como tendo assegurado a sua subida ao trono de Portugal.

Estes selos foram da autoria de Pedro Guedes, sem gravador, impressos na *Courvoisier S.A. de la Chaux de Fonds*, em folhas de 10 x 10⁴⁴ e denteado de 11^{1/2}. O tipo de papel utilizado foi o porcelana com fios de seda coloridos. Tiveram um período de circulação desde 6 de maio de 1949 até 30 de março de 1952. Todos os selos apresentam a taxa no canto inferior direito, com a legenda «CORREIO DE PORTUGAL» no canto inferior esquerdo e o nome da figura ilustrativa ao centro. As suas cores variam entre o violeta, os tons de verde, o azul, vermelho castanho e cinzento.

Emissão Reis de Portugal da 1.^a Dinastia de 1955



Figura 6 Reis de Portugal da 1.^a Dinastia – 1955

Esta emissão intitula-se «Reis de Portugal da 1.^a Dinastia» e é datada de 1955. Compõe-se por nove selos, a totalidade dos reis da I Dinastia, emitidos com taxas diferentes, sendo elas de \$10 representando D. Afonso I, o primeiro rei de Portugal; \$20, ilustrando D. Sancho I; \$50, com a figura de D. Afonso II; \$90, exibindo o busto de D. Sancho II; 1\$00, com a imagem de D. Afonso III; 1\$40, representando D. Dinis; 1\$50 com o busto de D. Afonso IV; 2\$00,

⁴⁴ Esta designação (10 x 10) significa que cada folha impressa continha 100 selos.

ilustrando D. Pedro I e de 2\$30, com o busto de D. Fernando. Estes selos foram da autoria de António Lino com os seguintes gravadores: Philip Goodewyn Hall (\$10 e \$20); Maxime Ferré (\$50); Nigel Alan Dow (\$90 e 2\$00); Robert George Godbehear (1\$00; 1\$40 e 2\$30) e Anthony Ronald Wild (1\$50). A impressão destes selos foi a talhe doce na *Bradbury, Wilkinson e Co. Ltd.*, de Londres, em folhas de 10 x 10 com denteado de 13 ½ x 13 e papel liso. Estiveram em circulação de 17 de março de 1955 até 31 de outubro de 1958. As cores que caracterizam esta emissão são a magenta, o verde bronze, a turquesa, o verde-esmeralda, o castanho, o carmim, a sépia, o vermelho, e o azul, respetivamente.

Emissão 5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor de 1958



Figura 7 5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor – 1958

A última emissão de selos incluída na subcategoria «Monarquia» diz respeito ao «5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor», datada de 1958. D. Leonor foi mulher de D. João II e rainha de Portugal durante um período histórico sempre enaltecido pela ideologia do Estado Novo, além de ser uma figura histórica conotada com a realização de obras relativas à assistência aos mais pobres e a uma vida de verdadeira devoção religiosa. Esta emissão, comparativamente às duas anteriores, tem um menor número de selos emitidos, com diferentes taxas, contanto apenas com 4 selos. São eles respetivamente de 1\$00, 1\$50, 2\$30 e 4\$10. O selo ilustra o busto da rainha de perfil à direita vestida com o hábito de freira em tons de preto e branco. Em cima está a legenda «RAINHA DONA LEONOR», em baixo à esquerda «1458» e à direita «1525». Em baixo, ao centro, pode-se ler «PORTUGAL» e no canto inferior esquerdo a taxa (que se altera consoante o valor do selo). Esta emissão foi da autoria de Cândido Costa Pinto e foi impressa em *offset*⁴⁵ na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 5 x 10 com denteado de 13^{1/2} e papel esmalte. Teve um período de circulação desde 17 de dezembro de

⁴⁵ Impressão indireta «processo de reprodução tipográfica em que a imagem existente numa chapa de metal é impressa numa superfície de borracha que a transpõe em definitivo para o papel» in Dicionário online de Português. <http://www.dicio.com.br/offset/> consultado no dia 17/06/2015

1958 até 31 de outubro de 1961. Estes selos são caracterizados, quanto à cor como policromos uma vez que são utilizadas várias cores no seu fabrico⁴⁶.

Estas três emissões alusivas ao passado histórico de Portugal, têm pontos em comum e também algumas diferenças entre elas. No que diz respeito às duas primeiras emissões tratadas, a de «Avis» e «Reis de Portugal da 1.^a Dinastia», existem algumas semelhanças. Ambas tiveram a impressão no estrangeiro ao passo que a emissão referente à Rainha D. Leonor foi feita em Portugal.

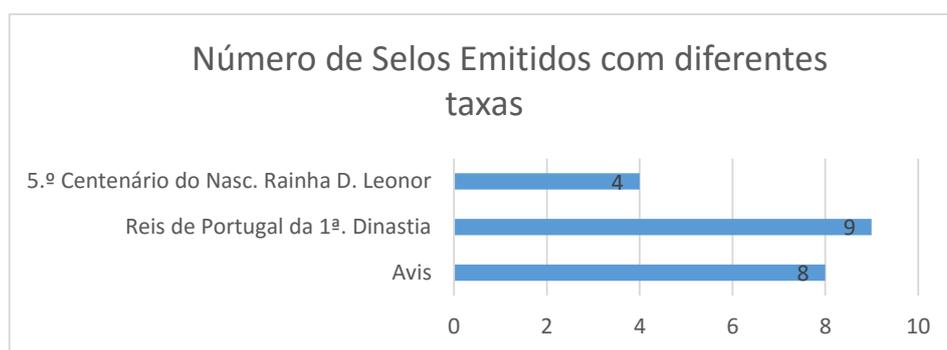


Figura 8 Gráfico com o número de selos emitidos com diferentes taxas

Como se pode observar através do gráfico da figura 8, tanto a emissão «Avis» como a «Reis de Portugal da 1.^a Dinastia» apresentam um grande número de selos emitidos com diferentes taxas sendo que a primeira conta com 8 selos e a segunda com 9. No entanto a emissão «5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor» conta apenas com 4 selos com taxas diferentes.

4.1.2. Os Descobrimentos

Emissão Infante D. Henrique de 1935



Figura 9 Infante D. Henrique – 1935

⁴⁶ A existência de cores variadas também tem a finalidade de ajudar os funcionários, que fabricam o selo, a não se enganarem na colocação da taxa que deve ser utilizada em cada selo.

A emissão de selos «Infante D. Henrique», de 1935, foi incluída na subcategoria *Descobrimentos* e conta com dois selos de diferentes taxas: \$10 e \$15. Da autoria de Arnaldo Fragoso, teve a sua impressão na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10, com denteado de 11^{1/2} e papel porcelana e liso. Circulou de 5 de junho de 1935 (\$15) e novembro de 1935 (\$10) até 30 de setembro de 1945. O selo apresenta o busto do Infante de frente. Em cima pode-se ler «REPÚBLICA PORTUGUESA», em baixo «CORREIO» e o valor do selo. Esta emissão caracteriza-se por ter duas cores, sendo elas o verde e o castanho. Este selo, representando o Infante D. Henrique, procura representar um dos símbolos dos «Descobrimentos», dada como a grande epopeia portuguesa. É uma figura repetidamente utilizada, pois já surgia como um dos símbolos da dinastia de Avis, numa emissão de selos já aqui antes referida. Esta figura tinha o sonho de alargar o território português além-mar, tal como afirma Torgal «D. Henrique e o seu desejo heroico de construir além-Europa uma outra realidade».⁴⁷

Emissão Caravela de 1943



Figura 10 Caravela - 1943⁴⁸

Esta emissão, «Caravela», de 1943, conta com 17 taxas e cores diferentes: \$05 preto e preto cinzento; \$10 castanho vermelho e tijolo; \$15 ardósia; \$20 violeta azul e violeta escuro; \$30 castanho chocolate e castanho; \$35 verde e verde-escuro; \$50 violeta vermelho e violeta; 1\$00 vermelho; 1\$75 azul-escuro; 2\$00 violeta castanho; 2\$50 vermelho, laranja e carmim; 3\$50 azul e azul esverdeado; 5\$00 laranja, castanho e castanho amarelado; 10\$00 cinzento azul e cinzento ardósia; 15\$00 verde; 20\$00 sépia esverdeado e 50\$00 salmão. É da autoria de Jaime

⁴⁷In Torgal, Luís Reis (2009), *Estados Novos Estado Novo, Ensaios de História Política e Cultural*, II Volume, Imprensa da Universidade de Coimbra, fevereiro, pág. 110.

⁴⁸Apesar de esta emissão ter 17 taxas diferentes apenas se ilustram neste trabalho 6 selos com diferentes valores. Uma vez que o número de selos emitidos é extenso optou-se por representar apenas uma amostra dos selos «Caravela» tal como está ilustrado no catálogo da Afinsa, (2011) *Selos Postais e Marcas Pré-Adesivas, Portugal, Açores, Madeira (1853-1999)*, 27.^a Edição de Afinsa Portugal.

Martins Barata com gravura de Gustavo de Almeida Araújo. Os selos foram impressos na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 com denteado de 14 e em papel liso, fino, médio ou espesso. Neste selo pode observar-se ao centro uma caravela, em cima a legenda «CORREIO DE PORTUGAL» e em baixo a taxa. A emissão circulou entre 1943 até 31 de outubro de 1957.

Emissão Navegadores Portugueses de 1945



Figura 11 Navegadores Portugueses – 1945

A emissão de selos postais intitulada «Navegadores Portugueses», de 1945, representa 8 taxas diferentes, ilustrando 8 navegadores portugueses: \$10 Gil Eanes; \$30 João Gonçalves Zarco; \$35 Bartolomeu Dias; \$50 Vasco da Gama; 1\$00 Pedro Álvares Cabral; 1\$75 Fernão de Magalhães; 2\$00 Frei Gonçalo Velho e 3\$50 Diogo Cão. Esta emissão é da autoria de Jaime Martins Barata e as gravuras são de E. T. Dawson (\$10, \$30, \$35 e 1\$00), Maxime Ferré (\$50 e 2\$00), e Robert G. Goodbehear (1\$75 e 3\$50). Foram impressos a talhe doce na *Bradbury, Wilkinson & Co. Ltd.*, na cidade de Londres, em folhas de 10 x 10, com denteado de 13 ½, de linha e com papel liso. As suas legendas variam de selo para selo, consoante a taxa. No entanto, há elementos que são comuns a todos os selos: em cima a referência ao nome «Navegadores portugueses» e em baixo a referência a «Correio de Portugal». As suas cores são compostas por castanho vermelho, amarelo bistro, verde, verde oliva, vermelho laranja, azul, preto cinzento e carmim, respetivamente. A emissão circulou de 29 de julho de 1945 até 8 de agosto de 1950.

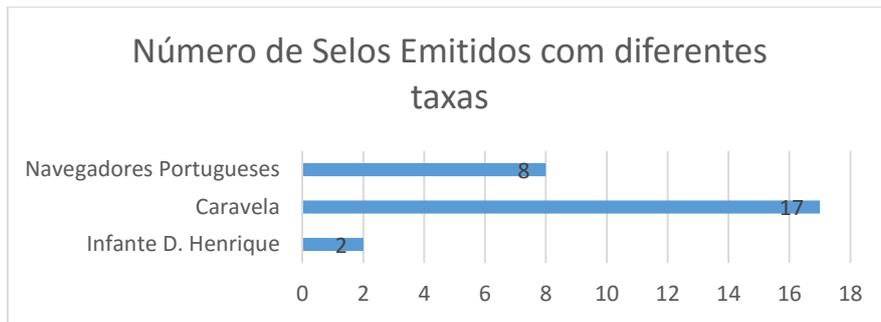


Figura 12 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas

A partir do gráfico da figura 12 pode-se observar que nesta subcategoria a emissão de selos postais com maior número de taxas é a «Caravela» com 17 selos de valores diferentes. Logo depois está a emissão «Navegadores Portugueses» com um total de 8 selos de diferentes taxas e, por último, a emissão «Infante D. Henrique» com 2 taxas emitidas.

4.1.3. Monumentos

Emissão Templo de Diana de 1935-1936



Figura 13 Templo de Diana - 1935-1936

A emissão de selos postais denominada «Templo de Diana», de 1935-1936, aparece com duas datas uma vez que o início da sua circulação se fez em duas fases. A primeira foi em 22 junho de 1935, quando começaram a circular os selos de \$04 e \$05, e a segunda foi a 1 de janeiro de 1936, onde se iniciou a circulação dos selos com taxa de \$06. Esta emissão é composta por três taxas, como já foi referido, sendo elas de \$04 \$05 e \$06, às quais correspondem, respetivamente as cores preto, preto cinza; azul, azul-escuro e azul esverdeado e castanho chocolate, castanho cinza. O seu autor e gravador foi Guilherme Augusto dos Santos, e a sua impressão foi realizada na Casa da Moeda, em Lisboa. A impressão foi feita em folhas de 10 x 10, com dentado de 11 ½ x 12. A emissão cessou no dia 30 de setembro de 1945.

Podem-se observar as seguintes legendas: em cima «REPÚBLICA PORTUGUESA», em baixo «CENTAVOS» sendo que o templo se encontra ilustrado ao centro do selo.

Emissão Sé de Coimbra de 1935



Figura 14 Sé de Coimbra - 1935

A emissão de selos denominada «Sé de Coimbra», de 1935, apenas teve uma única taxa, de 1\$75, de cor azul-escuro e azul, circulando de 20 de novembro a 30 de setembro de 1945. Este selo foi desenhado e gravado no *Institut de Gravure et d'impression de Papiers-Valeurs*, em Paris, e foi impresso na Casa da Moeda, em Lisboa, com denteado de 12 x 11 ½ e papel liso. Circulou de 20 de novembro de 1935 até 30 de setembro de 1945. Podem-se ler as seguintes legendas: em cima «REPÚBLICA PORTUGUESA» em baixo «CORREIOS» e a taxa no canto inferior direito.

Emissão Castelos de Portugal de 1946



Figura 15 Castelos de Portugal - 1946

A emissão de selos intitulada «Castelos de Portugal», de 1946, teve início em 1 de junho de 1946 e terminou a 8 de agosto de 1950. O seu autor foi José Ângelo Cottineli Telmo e a gravação foi realizada por Karl Bickel. Foram emitidas um total de 8 taxas diferentes, com cores distintas, representando cada um dos selos um castelo de Portugal: \$10, a violeta claro representando o Castelo de Silves; \$30 a castanho vermelho ilustrando o Castelo de Leiria; \$35

a verde onde se pode observar o Castelo da Feira; \$50 a cinzento exibindo o Castelo de Guimarães; 1\$00 a vermelho retratando o Castelo de Almourol; 1\$75 a azul representando o Castelo de Lisboa; 2\$00 a verde-escuro ilustrando o Castelo de Bragança e 3\$50 a castanho onde se pode ver o Castelo de Ourém. Os selos foram impressos a talhe doce na *Courvoisier S.A. de La Chaux de Fonds*, em folhas de 5 x 5 em papel liso e médio com denteado de 11 ½. No que diz respeito às legendas estas têm como ponto em comum em baixo ao centro a palavra «Portugal»; a taxa apresenta-se sempre em cima variando à esquerda e à direita consoante o selo; podemos ler «CORREIO DE PORTUGAL» em baixo variando à esquerda e à direita consoante o selo; em todos os selos está representada a imagem do respetivo castelo e a sua legenda cuja sua posição também varia de selo para selo.

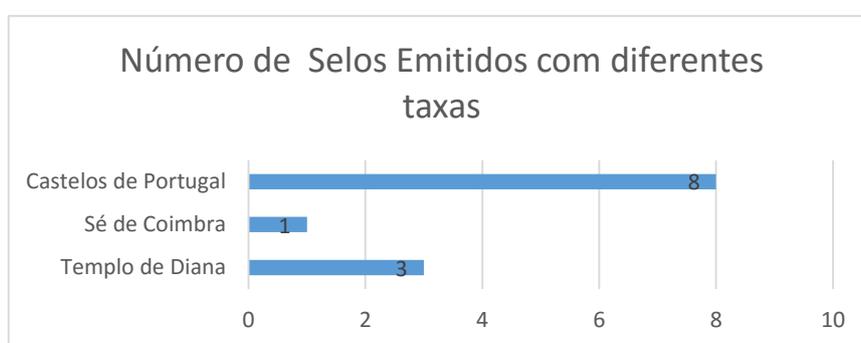


Figura 16 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas

Através do gráfico da figura 16 podemos facilmente observar que a emissão que teve um número menor de taxas a circular foi a intitulada «Sé de Coimbra», contando apenas com um valor para o selo; seguindo-se a emissão «Templo de Diana», que regista apenas 3 taxas, e por último a emissão «Castelos de Portugal» com 8 valores diferentes para os selos.

4.2. Representação da Literatura através do Selo Postal

Através das várias emissões de selos postais portugueses pode encontrar-se uma vasta representação dos vultos da literatura portuguesa. No período em estudo destacam-se quatro emissões que, para além de cumprirem a função de prestarem homenagem aos autores e obras que aí figuram, são uma fonte de conhecimento tanto para colecionadores como para quem simplesmente observa o selo. Este tem a capacidade intrínseca de transmitir mensagens,

informação e ideais, sendo um objeto da cultural e de comunicação. O selo pode despertar a atenção para a aquisição de novos saberes, tanto pela curiosidade de descobrir o que as várias emissões ilustram, como apenas pela sua simples observação. Deste modo para analisar a categoria denominada «Literatura» foram selecionados três autores portugueses representados nos selos e uma obra, que de seguida se apresenta.

4.2.1. Autores/Obras

Emissão Lusíadas. Novos valores e cores de 1933-1938



Figura 17 Lusíadas, Novos valores e cores - 1933-1938

O primeiro selo desta subcategoria a ser analisado faz parte da emissão «Lusíadas. Novos valores e cores» de 1933-1938, da autoria de Pedro Guedes. Esta emissão surgiu junto com a necessidade de criar novos valores, novas franquias, para os selos uma vez que os portes internacionais tinham sido alterados⁴⁹. Surgiram assim, como sugere o título, novas cores e novas taxas para não se confundirem estes selos com a emissão «Lusíadas» realizada em 1931. Esta emissão conta com as seguintes taxas: \$25 de cor azul e azul claro; \$30 o verde-escuro; \$95 a carmim; 1\$60 a azul e azul-escuro e 1\$75 de cor azul e azul-escuro. Este selo ilustra, de perfil esquerda, uma figura feminina segurando um suporte no qual está escrita a palavra «LUSIADAS» e por baixo a cruz da Ordem de Cristo. Em cima pode ler-se «PORTUGAL», palavra que indica o país onde o selo foi produzido e emitido; no canto inferior esquerdo está indicada a taxa do selo; no canto inferior direito encontra-se a letra «E.» quando se trata de escudos ou a letra «C.» quando se trata de centavos. Por fim, em baixo, ao centro, pode ler-se «CORREIO». «*Os Lusíadas*», poema épico de Luís de Camões, cumpre o objetivo de enaltecimento do passado e da atribuição de um carácter heroico a factos e atores do passado histórico português. Como afirma Fernando Rosas, o regime salazarista teceu uma sistemática «*reinvenção do passado histórico num sentido nacionalista, tradicionalista e imperial*»⁵⁰,

⁴⁹ Kullberg, Carlos (2006), *Selos de Portugal Álbum II*, (1910/1953), Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Biblioteca Filatélica Digital

⁵⁰ In Rosas (1998), *O Estado Novo (1926-1974) ...*, p. 259.

muito patente nesta emissão de selos postais e na mensagem que dela se pode obter: a vontade de transmitir e divulgar os «grandes feitos» realizados no passado, a sua comemoração, divulgação e atualização através da emissão de selos postais que permitiriam «glorificar a pátria, os seus heróis e os seus feitos», através da sua circulação enquanto franquia postal, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Uma particularidade deste selo é que, quando o observamos vemos que a figura feminina não está a olhar para o que tem nas suas mãos, para a espécie de livro com o título «LUSIADAS», mas sim na direção do público observador. Ora ela tem o livro na mão mas não o lê apenas passa a mensagem intelectual por estar a segurar a obra poética principal de Luís de Camões. Tal como este selo sugere, assim era Portugal. O regime queria passar uma imagem de uma nação intelectual, realizadora de obras-primas literárias. No entanto, Portugal era um país com uma imensa população analfabeta «uma população esmagadoramente camponesa, sem hábitos de disciplina, com uma escolaridade diminuta»⁵¹. A figura da mulher representava no Estado Novo uma visão tradicional da instituição familiar que muitas vezes estava ligada à ideia de fragilidade e dependência.

Emissão Almeida Garrett de 1957



Figura 18 Almeida Garrett – 1957

Esta emissão de selos «Almeida Garrett», 1957, teve como autor Jaime Martins Barata e como gravador Lorber. Foram emitidas quatro taxas diferentes com cores distintas: 1\$00 sépia; 2\$30 violeta; 3\$50 verde e 5\$00 vermelho. Foram impressos a talhe doce na *Osterreichish Staatsdruckerei*, de Viena, em folhas de 5 x 10 com papel esmalte e denteado de 13 ½ x 14. Circularam de 7 de março até 31 de agosto de 1960. Podem ler-se as seguintes legendas: em cima à direita «PORTUGAL»; ao centro do lado direito «Garrett» e no canto inferior esquerdo a taxa. Este escritor foi um importante expoente da cultura portuguesa, um homem de Oitocentos, um autor do romantismo, sendo essa a característica que é evidenciada nos selos.

⁵¹ In Rosas (1998), *O Estado Novo (1926-1974)* ..., p. 261.

Salienta-se o escritor do romantismo omitindo-se outras facetas de Garrett que aqui não sobressaem, como o facto de ter sido um defensor do liberalismo no Portugal do século XIX.

Emissão Cesário Verde de 1957



Figura 19 Cesário Verde – 1957

Esta emissão dedicada a «Cesário Verde», datada de 1957, é composta por duas taxas e duas cores que são, respetivamente, 1\$00 a sépia e amarelo, e 3\$30 a castanho, verde e cinza esverdeado. Podemos observar as seguintes legendas: em baixo a palavra «PORTUGAL», no canto inferior direito a taxa e do lado esquerdo «CESÁRIO VERDE 1855-1886». O seu autor foi Júlio Gil, impresso em *offset* pela Casa da Moeda de Lisboa, em folhas de 10 x 10 (1\$00) e 5 x 10 (3\$30), em papel esmalte e com denteado de 13 ½. O seu período de circulação foi de 12 de dezembro de 1957 até 31 de agosto de 1960. Esta emissão presta homenagem ao poeta Oitocentista português cuja produção poética ressalta muitas vezes a oposição entre a cidade e o campo, assimilação a cidade à ideia de um espaço de doença, insegurança e desconforto, descrevendo o campo como um espaço de fertilidade, harmonia e de refúgio saudável.

Emissão 4.º Centenário da Morte de Gil Vicente de 1937



Figura 20 4.º Centenário da Morte de Gil Vicente – 1937

Esta emissão comemora o 4.º centenário da morte do dramaturgo Gil Vicente de 1937. É composta por dois selos de \$40 a castanho-escuro e 1\$00 a carmim e carmim rosa. É da autoria de Raquel Roque Gameiro Ottolini e gravura de Arnaldo Fragoso. Foi impresso em *offset* na

Casa da Moeda de Lisboa, em folhas de 10 x 10 selos em papel porcelana e com denteado de 11 ½. O seu período de circulação foi de 29 de julho de 1937 (\$40) e 20 de agosto de 1937 (1\$00) e ambos até 30 de setembro de 1945. Podem-se ler as seguintes legendas no selo: em cima «CORREIO» e a taxa; em baixo a palavra «PORTUGAL» e no canto inferior direito «GIL VICENTE NO AUTO DO VAQUEIRO».

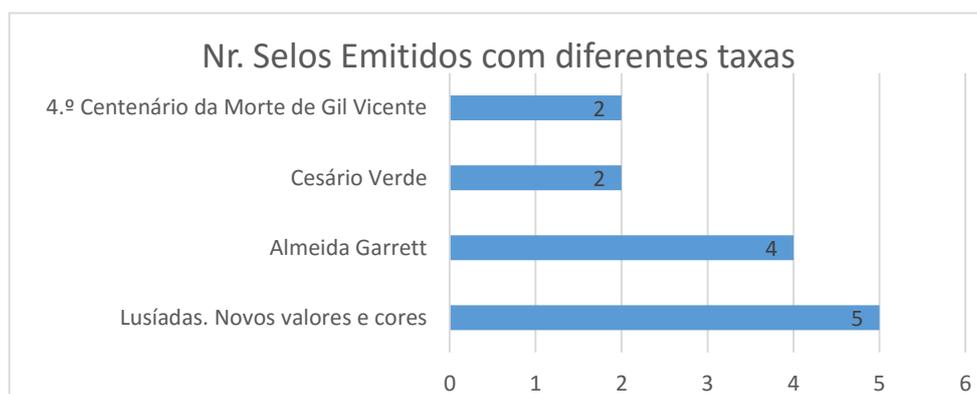


Figura 21 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas

O gráfico da figura 21 representa a emissão de selos postais relativa à subcategoria «Literatura». Aqui, teve maior número de taxas emitidas a emissão dedicada aos «Lusíadas. Novos valores e cores» contando com um total de 5 valores. As emissões que obtiveram menor número de selos emitidos com taxas diferentes foram «Cesário Verde» e «4.º Centenário da Morte de Gil Vicente», com apenas 2 valores diferentes nos selos. A emissão «Almeida Garrett» conta com 4 taxas diferentes nos seus selos emitidos. Salientamos que embora outros elementos não sejam representados, algumas das figuras literárias que surgem nas emissões dos selos postais respeitam a períodos históricos remetidos para o esquecimento pelo regime, como é o caso da Monarquia Liberal oitocentista.

4.3. Representação do Regime através do Selo Postal

O selo assumiu-se desde o início como um veículo de transmissão de valores e cultura, bem como de afirmação de poder, meio de difusão de que o Estado Novo fez uso. Este pequeno pedaço de papel está cheio de grande simbolismo e de mensagens de forte carga ideológica, e isso é notório quando observamos as várias emissões postais ao longo do tempo.

Especificamente, aquelas que interessam para este trabalho estão repletas de propaganda política, de comunicação de ideários e valores. Na categoria intitulada «Regime», reunimos um conjunto variado de emissões de selos, cada uma com o seu simbolismo, importância e mensagem específica. Criaram-se oito subcategorias para melhor se agruparem as emissões de selos, são elas: «Obras», «Figuras», «Organizações», «Efemérides», «Colónias», «Nacionalismo», «Tradições» e «Educação». Trata-se de um conjunto de elementos caracterizadores do Estado Novo, realizações do regime que procura afirmar, características do regime que estes selos propagandeiam.

4.3.1. Obra

Emissão Inauguração da Ponte Salazar de 1966



Figura 22 Inauguração da Ponte Salazar – 1966

A emissão «Inauguração da Ponte Salazar», de 1966, apresenta dois selos com imagens diferentes, mas ambas representando a ponte que atravessa o Tejo, ligando Lisboa à margem sul do rio. São constituídas por quatro taxas diferentes, às quais correspondem cores distintas: 1\$00, vermelho e ouro; 2\$50, azul e ouro; 2\$80, azul e prata; 4\$30, verde e prata. Este selo é da autoria de António Nunes de Almeida, impresso em *offset* na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel lustrado e com um denteado⁵² de 13 ½. Circulou do dia 6 de agosto de 1966 até dia 30 de março de 1973. Podem ler-se as seguintes legendas: em cima «PONTE SALAZAR 1960», em baixo «PORTUGAL» e ao centro a taxa que varia de selo para selo. Este selo faz propaganda à obra feita que ligava as duas margens do rio Tejo entre Lisboa e Almada. No dia 6 de agosto de 1966, no mesmo dia em que os selos foram postos em circulação, foi realizada a inauguração da Ponte Salazar que era até então a maior obra pública realizada em Portugal. Serviram deste modo os selos para dar publicidade a esta obra do regime.

⁵² Este selo apesar de conter as mesmas medições no denteado, apresenta-se disposto tanto na vertical (como é o caso dos selos com taxas de 2\$80 e 4\$30) como na horizontal (1\$00 e 2\$50).

O jornal *Diário de Notícias* publicara, no dia seguinte à inauguração, a notícia da grandiosidade do evento dizendo que finalmente as duas margens do rio se poderiam unir vencendo a distância, como se pode ler na capa «(...) o rio das nossas glórias teimava em separar as duas metades do território metropolitano (...) até que ontem, na manhã esplendorosa de Agosto, a ponte surgiu»⁵³. A ponte Salazar acabou com as imagens de longas filas de espera, tanto numa margem como na outra, uma vez que antes da ponte a travessia se fazia de barco. Era sobretudo nos fins-de-semana e na época estival que as filas assumiam grandes proporções. Tanto o embarque como o desembarque assumiam por vezes aspetos arriscados tanto para os peões como para os veículos⁵⁴.

4.3.2. As figuras

Emissão General Carmona de 1934



Figura 23 General Carmona – 1934

A emissão dedicada ao «General Carmona», de 1934, apresenta uma única taxa de \$40 de cor violeta. O seu autor foi Arnaldo Fragoso e impresso na Casa da Moeda, em Lisboa. Foi impresso em folhas de 10 x 10 selos em papel porcelana e liso com denteado de 11 ½. Circulou de 28 de maio de 1934 até 30 de setembro de 1945. O selo ilustra a efígie do general Carmona de perfil à esquerda. Podem-se ler as seguintes legendas: à esquerda «REPÚBLICA», à direita «PORTUGUESA» e em baixo a taxa e a palavra «CORREIO». Foi aquando da sua Presidência da República que Salazar foi nomeado ministro das Finanças, em 1928, e mais tarde, em 1932, nomeado Presidente do Conselho de Ministros. Este selo transparecia excelência e uma beleza notável, tendo obtido por parte do público filatélico grande adesão e manifestação de orgulho numa realização nacional. Como afirma Oliveira Marques, no seu estudo, a «satisfação de uma produção nacional»⁵⁵. Este selo serviu para substituir a emissão «Lusíadas. Novos valores e

⁵³ In jornal *Diário de Notícias*, Domingo, 7 de Agosto de 1966, p. 1.

⁵⁴ In 1966 – A Ponte Salazar sobre o rio Tejo (Gabinete da Ponte sobre o Tejo) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7USeAr5U9b0> consultado no dia 09/09/2015

⁵⁵ In Marques, A. H. de Oliveira, *História do Selo Postal Português 1853 – 1953*, volume II, Os Selos da República, Tomo I, Planeta Editora, pp 198-199.

cores», já referenciada no presente trabalho, com o objetivo de introduzir aspetos históricos de Portugal como monumentos e figuras célebres da história⁵⁶.

Emissão Presidente Salazar de 1971



Figura 24 Presidente Salazar – 1971

A emissão «Presidente Salazar», de 1971, representa três taxas diferentes: 1\$00; 5\$00; 10\$00. Foram utilizadas muitas cores para a impressão deste selo, tratando-se assim de um policromo, como característica das cores que este selo postal apresenta. Da autoria dos serviços artísticos dos CTT, este selo foi gravado por Álvaro Lucas, impresso a talhe doce na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 5 x 10 em papel liso e com denteado de 13 ½ e 12. Circulou de 27 de julho de 1971 a 31 de dezembro de 1983. Ilustra a efígie de Salazar de perfil à esquerda. Em cima pode-se ler «1889 SALAZAR 1970» e em baixo a taxa acompanhada pela palavra «PORTUGAL». Um ano após a morte, esta emissão homenageia o ditador, continuando a circular mesmo após a queda do regime, contrariando o que ocorreu noutras áreas, demonstrando a fraca atenção que em geral é atribuída às mensagens veiculadas pelos selos postais.

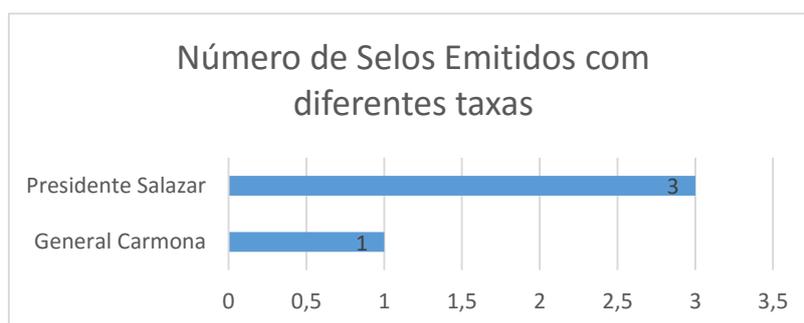


Figura 25 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas

⁵⁶ http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf pp. 56, consultado no dia 16/05/2015.

A partir do gráfico da figura 25 pode-se concluir que a emissão que obteve maior número de selos emitidos com diferentes taxas foi a emissão «Presidente Salazar» com três valores. Os selos referentes ao General Carmona apenas circularam com uma única taxa.

4.3.4. Organizações

Emissão Legião Portuguesa de 1940



Figura 26 Legião Portuguesa – 1940

Esta emissão relativa à «Legião Portuguesa», de 1940, representa oito taxas distintas às quais correspondem as seguintes cores: \$05 amarelo ocre; \$10 violeta; \$15 azul claro; \$25 castanho; \$40 verde e verde escuro; \$80 verde amarelo; 1\$00 carmim e 1\$75 azul escuro. É de autoria de António Lima e gravura de Gustavo de Almeida Araújo. Foram impressos na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel liso e com denteado de 11 ½. Circularam de 27 de janeiro de 1940 até 30 de setembro de 1945. Este selo faz publicidade à organização nacional de carácter político e militar, instituída pelo Estado Novo em 1936, com o objectivo de criar uma milícia de cidadãos para a defesa do regime e do seu ideário e combate ao que era considerado como uma ameaça à perpetuação do regime.

4.3.5. Efemérides

Emissão 8.º Centenário da Fundação e 3.º Centenário da Restauração de Portugal de 1940



Figura 20 8.º Centenário da Fundação e 3.º Centenário da Restauração de Portugal – 1940

A emissão de selos postais denominada «8.º Centenário da Fundação e 3.º Centenário da Restauração de Portugal», de 1940, representa oito taxas diferentes e conta com quatro diferentes ilustrações: no selo de \$15 e \$35 está representado D. João IV montado a galope num cavalo. Em cima pode-se ler «PORTUGAL-CORREIO 1640 1940» e em baixo «D. João IV» e a respetiva taxa. O selo de \$10 ilustra o pavilhão da exposição do mundo português tendo como legenda em cima «EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS 1940» e em baixo «PORTUGAL-CORREIO» com a taxa. O selo de \$25 representa o Padrão dos Descobrimentos com a legenda em baixo «ERA DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGAL CORREIO» e a taxa no canto inferior direito. Por último, o selo de 1\$75 representa a estátua de Afonso D. Henrique com o castelo de Guimarães como fundo, a taxa em baixo à direita e a legenda em cima, dizendo «PORTUGAL 1140 1940 CORREIO». As taxas dos selos e as cores são respetivamente: de \$10 lilás vermelho; \$15 azul esverdeado e azul cinzento; \$25 verde oliva; \$35 verde-escuro; \$40 castanho-escuro; \$80 violeta cinzento; 1\$00 vermelho e 1\$75 azul ultramarino. Foram muitos os autores que se debruçaram na feitura desta emissão: Alberto de Sousa (\$40 e 1\$75); Jaime Martins Barata (\$10 e \$80); Maria Keil do Amaral (\$25 e 1\$00); Henrique Franco (\$15 e \$35). Os gravadores foram Renato de Sousa Araújo (\$15 e \$35); as restantes taxas foram executadas em conjunto por este gravador e por José Armando Pedroso. Foram impressos a talhe doce, no Banco de Portugal, sendo gomados e denteados na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x10 em papel liso e com denteado de 11 ½ x 12 ou 12 x 11 ½. Circularam desde 4 de junho de 1940 até 30 de setembro de 1945. Esta emissão foi lançada no âmbito da realização da Exposição do Mundo Português, no mesmo ano, das comemorações centenárias da fundação da nacionalidade e da restauração da independência, em 1640.

O selo foi, também aqui, um veículo utilizado pelo regime para fazer propaganda à Exposição do Mundo Português onde o regime procurou evidenciar a extensão e diversidade

do Império que liderava, visava evidenciar uma época de ouro do regime. Nas palavras de Fernando Rosas, «A Exposição do Mundo Português é como que o símbolo emblemático do período áureo do regime e da sua propaganda»⁵⁷. Também Luís Reis Torgal explica que as comemorações são datas importantes na reprodução da ideologia do regime «As comemorações centenárias de 1940 – celebrativas da data ficcional da independência de Portugal (1940) e da Restauração (1640) – tiveram um papel fundamental como factor de reanimação da ideologia do regime.»⁵⁸ Também aqui, os selos postais serviram de veículo de difusão das mensagens do regime.

Emissão 25.º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926 de 1951



Figura 21 25.º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926 – 1951

A emissão relativa ao «25.º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926», de 1951, apresenta apenas dois selos de taxas diferentes sendo elas de 1\$00 a castanho e de 2\$30 a azul. Da autoria de Domingos Maria Xavier Rebelo, os selos foram impressos em *offset* na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 selos em papel liso com denteado de 13 ½. Circularam de 22 de novembro de 1951 até 30 de abril de 1954. A ilustração apresenta um grupo de pessoas (estudantes, camponeses e militares) a caminhar depois de atravessarem o marco que assinala o vigésimo quinto ano da então denominada Revolução Nacional, o ato inaugural e fundador que iria permitir a afirmação do Estado Novo poucos anos depois.

⁵⁷In Rosas (1998), *O Estado Novo (1926-1974)*, p. 262.

⁵⁸ In Torgal, Luís Reis (2009), *Estados Novos Estado Novo, Ensaios de História Política e Cultural*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 226-227.

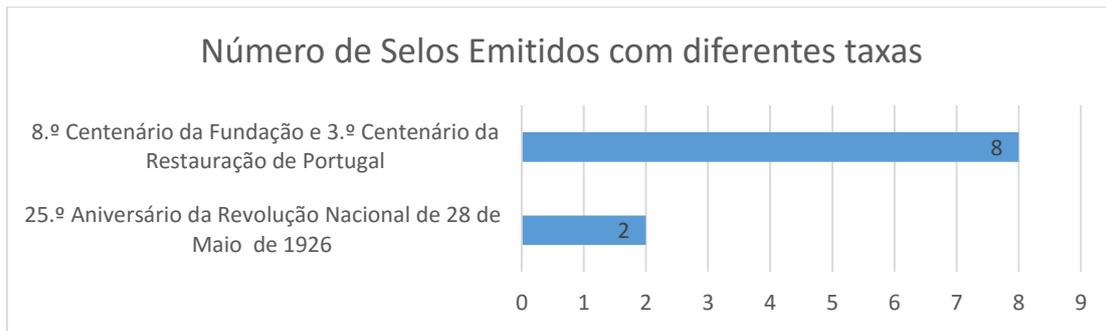


Figura 27 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas

O gráfico da figura 27 mostra que a emissão «8.º Centenário da Fundação e 3.º Centenário da Restauração de Portugal» teve um total de 8 taxas diferentes em circulação contrariamente aos selos do «25.º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926» que apenas tiveram dois valores díspares.

4.3.6. Colónias

Emissão 1.ª Exposição Colonial Portuguesa de 1934



Figura 22 1.ª Exposição Colonial Portuguesa – 1934

Esta emissão denominada «1.ª Exposição Colonial Portuguesa», de 1934, da autoria de Almada Negreiros⁵⁹ e que teve como gravador Arnaldo Frago, tinha três taxas distintas: \$25 de cor sépia; \$40 a vermelho e 1\$60 a azul-escuro. Os selos foram impressos na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel liso e com denteado de 11 ½. Esta emissão circulou de julho de 1934 até 30 de setembro de 1934. O lançamento desta emissão cumpre o objetivo de informar e de publicitar junto da população a realização da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, que decorreu no Porto, no Palácio de Cristal, em 1934, com a qual o regime procurou apresentar as suas realizações no afirmado vasto império intercontinental português.

⁵⁹ Almada Negreiros foi convidado pelo regime para colaborar utilizando a arte como meio de propaganda do regime. Este autor marcou com o seu traço modernista o grafismo da propaganda oficial que se transmite também através do selo postal. In http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/cultura.html consultado no dia 07/09/2015.

Mais uma vez o regime adota o selo como veículo de propaganda política fazendo transparecer a importância do acontecimento. Para tal, recorre à imagem de um busto de uma mulher de uma das «províncias ultramarinas» portuguesas em África. Esta exposição esteve aberta ao público a partir do dia 19 de junho de 1934, tendo o seu termo no dia 30 de setembro do mesmo ano. Aqui foram apresentadas várias atividades desenvolvidas em de Angola, Cabo Verde, Índia, Macau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Timor⁶⁰. Esta 1.ª Exposição Colonial Portuguesa foi uma das iniciativas desenvolvidas pelo Secretariado de Propaganda Nacional para promover as grandes mobilizações políticas e culturais, chamando a atenção da importância das colónias no contexto da política nacional e internacional. Vai nesse sentido o discurso proferido pelo ministro das Colónias, Armindo Monteiro, onde explica a importância desta exposição, tanto a nível político como cultural através da interação dos povos nativos das várias regiões aí representadas com os portugueses da metrópole e vice-versa. A manutenção de um império coeso e digno do respeito estrangeiro obrigava, de acordo com este ministro, a existir uma preocupação em obter resultados positivos não apenas num determinado local ou zona distinta das colónias mas sim a nível global, na totalidade do Império.

«As colónias figuram aqui não como indivíduos que isoladamente seguissem o caminho da ambição, mas como o conjunto que tentamos desenvolver – o Império. Interessam-nos antes os resultados globais obtidos do que os recordes de uma ou outra colónia. (...) A exposição pretende mostrar que o segredo dos nossos triunfos ultramarinos esteve sobretudo na parte que sempre tivemos de proporcionar os meios de que dispúnhamos aos fins que procurávamos atingir (...) Economicamente espero que – depois de cerrada política de estreitamento comercial que se tem pôsto em prática e cujos resultados estão à vista já na elevação dos últimos anos das percentagens da importação portuguesa das Colónias – que a Exposição dê origem a novos laços de interesses entre Portugal daquém e dalém-mar.»

*In Jornal Ultramar, Ano I, Porto, 1 de junho de 1934, n.º. 11*⁶¹

4.3.7. Nacionalismo

Emissão Tudo pela Nação de 1935-1941

⁶⁰ http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf p. 57, consultado no dia 16/05/2015

⁶¹ http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/Ultramar/N11/N11_master/Ultramar_N11_1Jul1934.pdf consultado no dia 16/05/2015 *In Jornal Ultramar, Ano I, Porto, 1 de junho de 1934, n.º. 11.*



Figura 23 Tudo pela Nação - 1935-1941

A emissão intitulada «Tudo Pela Nação», de 1935-1941, é de autoria de Almada Negreiros, sendo a gravura de Arnaldo Frago. Foram emitidas cinco taxas diferentes para esta emissão que são: \$25 a azul e azul escuro; \$40 a castanho; 1\$00 carmim e carmim rosa; 10\$00 ardósia e cinzento violeta e 20\$00 a verde azul. Os selos foram impressos na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel liso e com denteado de 11 ½. As legendas do selo são: do lado esquerdo «PORTUGAL» do lado direito «CORREIO» e a taxa, ao centro pode-se ler «TUDO PELA NAÇÃO». Estes selos circularam de 23 de agosto de 1935 (\$25); 20 de novembro 1935 (1\$00); 26 de dezembro de 1935 (\$40); 26 dezembro de 1941 (10\$00 e 20\$00) e todos cessaram de circular em 30 de setembro de 1945. Estes selos são compostos por um desenho alegórico que procura simbolizar a força e os valores ideológicos unidos numa Pátria renascida⁶². O selo postal exprime e divulga um dos principais lemas do regime, «Tudo pela Nação», que remete para o espírito nacionalista que caracterizava o regime.

4.3.8. Tradições

Emissão Costumes Portugueses (1.ª emissão) de 1941



Figura 24 Costumes Portugueses (1.ª emissão) – 1941

⁶² In http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf pág. 61 consultado no dia 18/06/2015.

Esta emissão intitulada «Costumes Portugueses (1.^a emissão)», de 1941, representa dez selos com taxas e imagens diferentes. As taxas e as cores correspondentes a cada selo são: \$04 verde-escuro; \$05 vermelho acastanhado; \$10 púrpura; \$15 verde amarelo; \$25 lilás-púrpura; \$40 verde-claro; \$80 azul claro; 1\$00 vermelho; 1\$75 azul-escuro e 2\$00 laranja. Os autores são respetivamente Raquel Roque Gameiro Ottolini (\$04; \$05; \$15; \$10; 1\$00 e 2\$00) e Álvaro Duarte de Almeida (\$25; \$40; \$80 e 1\$75). Os gravadores foram Guilherme Augusto dos Santos (\$04; 40 e 2\$00); Renato Cantos de Sousa Araújo (\$10); Marcelino Norte de Almeida (\$15); Arnaldo Fragoso (\$80, 1\$00 e 1\$75) e Gustavo de Almeida Araújo (\$05 e \$25). Os selos foram impressos na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel liso e com denteado de 11 ½. Circularam de 4 de abril de 1941 até 30 de setembro de 1945. Cada selo tem uma temática regional e esta está acompanhada por uma figura que ilustra o traje típico daquela região. Nesse sentido, temos o selo de \$04, que ilustra a praia da Nazaré com uma peixeira segurando num peixe; o selo de \$05 representa a Tricana, de Coimbra; o selo de \$10 ilustra um Saloio; o selo de \$15 exibe uma varina de Lisboa; o selo de \$25 representa uma figura feminina de Olhão; o selo de \$40 ilustra um moliceiro e um traje típico de Aveiro; o selo de \$80 representa a Madeira; o selo de 1\$00 faz alusão a Viana do Castelo; o selo de 1\$75 diz respeito ao Alentejo e o selo de 2\$00 ilustra uma ceifeira no Alentejo. Esta emissão de selos ilustra um pouco de cada região do país procurando salientar, dentro dos ideais defendidos pelo regime, uma identidade nacional ruralista e portuguesa.

4.3.9. Educação

Emissão Campanha de Educação Popular de 1954



Figura 25 Campanha de Educação Popular – 1954

A emissão intitulada «Campanha de Educação Popular» de 1954 teve autoria de Cândido Costa Pinto. Representa quatro taxas diferentes: \$50 de cor azul; 1\$00 a rosa; 2\$00 a verde e 2\$50 a castanho. Foi impresso em *offset* na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel esmalte e com denteado de 13 ½. Circularam de 15 de outubro de 1954 até 31 de outubro de 1957. O selo, cuja imagem se apresenta em cima, informa-nos através da sua

observação, de um conjunto de dados importantes acerca da época em que foi feito. Em baixo ao centro está a legenda «CASA DA MOEDA» indicando o local onde decorreu a impressão deste documento; também neste local está representada a palavra «PORTUGAL» e a taxa. Por baixo da representação do livro aberto está a legenda «correio», indicando o objetivo e/ou a função deste documento. Ao centro está um livro aberto: sobre a página esquerda está a palavra «educar» e sobre a página direita «instruir». Por último pode observar-se uma fita colocada entre as páginas da direita, que contorna a parte superior do mesmo, passando pela frente deste com a legenda «PLANO DE EDUCAÇÃO POPULAR».

Emissão 10.º Congresso Internacional de Pediatria de 1962



Figura 26 10.º Congresso Internacional de Pediatria – 1962

Esta emissão sobre o «10.º Congresso Internacional de Pediatria», de 1962, é de autoria de Maria Keil. Conta com quatro taxas diferentes para quatro selos com imagens distintas: \$50; 1\$00; 2\$80 e 3\$50 em policromo. Os selos ilustram figuras infantis e apresentam a seguinte legenda: «X CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDIATRIA» e «1962 PORTUGAL». A taxa apresenta-se sempre no canto inferior direito. A impressão dos selos foi em *offset* na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 5 x 10 com papel esmalte e denteado de 13 ½. Circularam de 1 de setembro de 1962 até 30 de junho de 1966.

Emissão 30.º Aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional de 1968



Figura 27 30.º Aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional – 1968

A emissão dos selos relativos ao «30.º Aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional» de 1968 é da autoria de Maria Keil. Esta emissão é composta por três taxas: 1\$00 de cor vermelha, preta e cinzenta; 2\$00 em tons de vermelho, preto e rosa e 5\$00 de cor vermelha, preta e azul. Os selos foram impressos em *offset* na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel liso e com denteado de 13 ½. Circularam de 26 de maio de 1968 até 30 de abril de 1975. A imagem do selo ilustra ao centro duas mãos dadas sendo que uma delas é mais pequena. Em cima pode-se ler «PORTUGAL»; ao centro «30.º ANIVERSÁRIO» e em baixo «DA OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL». A taxa está presente no canto inferior esquerdo. Este selo representa a O.M.E.N., que era um dos organismos controlados pelo Estado para desenvolver questões relativas à educação. Foi criada pelo Decreto n.º 26 893, de 15 de Agosto de 1936 e era responsável pela educação das mulheres como membros da família num contexto social⁶³. Os seus objetivos eram definidos como o de encorajar a educação no âmbito familiar, proporcionar a continuidade da educação da criança pela mãe e educar a mulher no sentido maternal, como símbolo de deveres domésticos e familiares.

Emissão 2.º Centenário do Ensino Primário Oficial de 1973



Figura 28 2.º Centenário do Ensino Primário Oficial – 1973

Esta emissão sobre o «2.º Centenário do Ensino Primário Oficial», de 1973, é da autoria de Luz Correia. É composta por quatro selos com imagens e taxas diferentes entre si. As taxas 1\$00; 4\$50; 5\$30 e 8\$00 representam-se a policromo. Os selos foram impressos em *offset* na Imprensa Nacional da Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 5 x 10 em papel lustrado e denteado de 13 ½. Apresentam as seguintes legendas: «SEGUNDO CENTENÁRIO DA CRIAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO OFICIAL 1772/1972» em baixo pode-se ler «PORTUGAL». A taxa localiza-se sempre no canto inferior direito.

⁶³ In Mineiro, Adélia Carvalho, *Valores e Ensino no Estado Novo*, Edições Sílabo, Lisboa, 2007, p. 48

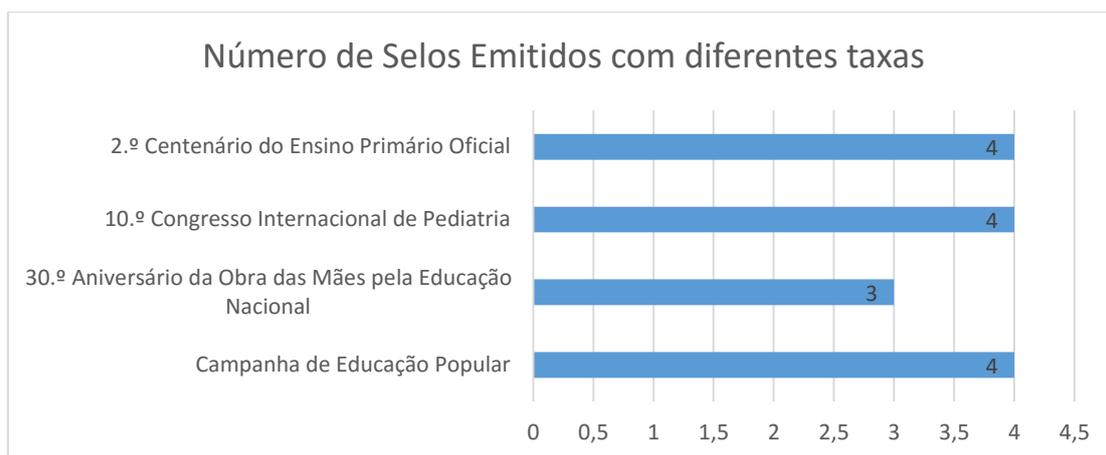


Figura 28 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas

De acordo com o gráfico da figura 28 podemos ver que os valores são muito próximos no que respeita aos selos emitidos com diferentes taxas. Tanto a emissão sobre o «2.º Centenário do Ensino Primário Oficial», como a relativa ao «10.º Congresso Internacional de Pediatria» e a da «Campanha de Educação Popular» representam o mesmo número de valores diferentes contemplado, quatro. A emissão sobre o «30.º Aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional» regista apenas menos um valor, sendo que circularam três taxas distintas.

4.4. Representação da Família através do Selo Postal

De acordo como ideário do Estado Novo, a família definia-se pelo casamento como meio de gerar, educar e criar as crianças, sendo a família considerada e afirmada como um fundamento primário da Nação. Em todo o país a estrutura familiar correspondia a um modelo autoritário, onde as relações entre os pais e os filhos se concretizavam de forma distante. Segundo o ideário salazarista, a família deveria viver em total respeito pela religião e pela Pátria: «A nova sociedade que Salazar procurava edificar pressupunha um regresso à antiga família patriarcal. A par de Deus e da Pátria, a Família constituía uma dos pilares, e valores fundamentais do Estado Novo»⁶⁴. Cada membro tinha uma atuação própria. No topo encontrava-se a figura do pai e por baixo dele a mãe e os filhos. Os pais tinham papéis distintos no seio da família: o pai deveria prover ao sustento do lar e a mãe tinha como responsabilidades cuidar da casa e da educação dos filhos. Para representar esta categoria – Educação – foi selecionado o selo «Dia da Mãe» de 1956.

⁶⁴ In Mónica, Maria Filomena (1978), *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Editorial Presença, p. 268-269.

4.4.1. Efemérides

Emissão Dia da Mãe de 1956



Figura 29 Dia da Mãe – 1956

Esta emissão dedicada ao «Dia da Mãe», de 1956, é da autoria de Jaime Martins Barata. É composta por dois selos de taxas e cores diferentes: 1\$00 a verde-claro e verde-escuro e 1\$50 a sépia claro e sépia escuro. Os selos foram impressos em *offset* na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel esmalte e com denteado de 13 ½. A emissão circulou de 8 de dezembro de 1956 até 31 de agosto de 1959. Este selo ilustra a Virgem segurando o Menino ao colo, do lado direito. No canto superior esquerdo pode ler-se «DIA DA MÃE 8.XII»; do lado direito a taxa e em baixo a palavra «PORTUGAL» e o local onde foram impressos os selos «CASA DA MOEDA».

4.5. Representação da Religião através do Selo Postal

Com a subida de Salazar ao poder e com a instauração do Estado Novo em Portugal, deu-se início às negociações entre o Estado e a Santa Sé tendo em vista a criação de um estreitamento e, nas palavras de então, uma união firme nas relações entre o Estado e a Igreja. Foi em 1940 que se concretizou oficialmente essa vontade, com o tratado bilateral que beneficiava a Igreja Católica em Portugal: a Concordata. Tal como disse Patrícia Jesus, na sua reportagem publicada no *Diário de Notícias* «Foi o culminar da aproximação entre Portugal e a Santa Sé, que tinha começado logo após o fim da I República, restabelecendo os laços cortados com a Lei da Separação: a 7 de maio de 1940 é assinada em Roma a Concordata entre Portugal e a Santa Sé, um acordo entre os dois Estados que sobreviveu ao Estado Novo»⁶⁵.

⁶⁵ <http://150anos.dn.pt/2014/07/31/1940-assinatura-da-concordata/> Consultado no dia 29/07/ 2015

4.5.1. Efemérides

Emissão Ano Santo de 1950



Figura 30 Ano Santo – 1950

Esta emissão relativa ao «Ano Santo», de 1950, é da autoria de Jaime Martins Barata e gravura de Renato Carlos de Sousa Araújo. É composta por quatro selos de diferentes cores e taxas: \$50 a verde; 1\$00 a sépia; 2\$00 a azul e 5\$00 a violeta. Os selos foram impressos a talhe doce, no Banco de Portugal, com gomagem e denteado na Casa da Moeda, em Lisboa. Foram impressos em folhas de 10 x 10 em papel liso, médio e espesso e com denteado de 11 ½ x 12. Circularam de 13 de Maio de 1950 até 22 de abril de 1953. Os selos apresentam a imagem da Nossa Senhora do Rosário de Fátima ao centro. Do lado esquerdo pode-se ler «ANO SANTO 1950» e do lado direito a taxa. Em baixo está a legenda «FÁTIMA PORTUGAL». Esta emissão serviu para comemorar o início de Ano Santo.

Emissão Encerramento do Ano Santo de 1951



Figura 31 Encerramento do Ano Santo – 1951

A emissão sobre o «Encerramento do Ano Santo», de 1951, é da autoria de Jaime Martins Barata. É composta por quatro selos com diferentes cores e taxas: \$20 castanho e castanho claro; \$90 a verde; 1\$00 a lilás vermelho e rosa e 2\$30 a azul-escuro e azul cinzento. Os selos foram impressos a *offset* na Casa da Moeda, em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel liso, fino ou médio e com denteado de 13 ½. Circularam de 11 de outubro de 1951 até 2 de abril de 1954. Os selos caracterizam-se por representarem duas imagens: os selos de \$20 e \$90 ilustram

uma pomba branca com as asas abertas e com um ramo de oliveira no bico, representando a paz. Os selos de 1\$00 e 2\$30 ilustram, de perfil à direita, o Papa Pio XII. Em ambos os selos podem-se ler as seguintes legendas: em cima numa faixa «ENCERRAMENTO DO ANO SANTO 1951» e em baixo «Fátima Portugal». A taxa apresenta-se sempre no canto inferior direito.

Emissão Cinquentenário das Aparições de Fátima de 1967



Figura 32 Cinquentenário das Aparições de Fátima – 1967

Esta emissão intitulada «Cinquentenário das Aparições de Fátima», de 1967, é da autoria de José Pedro Roque. Foram emitidos quatro selos com diferentes taxas e desenhos: o selo de 1\$00, a policromo, representa a Nossa Senhora de Fátima com os pastorinhos de joelhos à sua frente; o selo de 2\$80, a policromo, ilustra a Basílica de Fátima e a rosa de ouro; o selo de 3\$50 exibe a figura de Fátima coroada com duas pombas brancas de cada lado e o selo de 4\$00 representa a capela das aparições e por cima duas pombas segurando uma coroa. Podem-se ler as seguintes legendas nos selos: «CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES»; em cima «1917 FÁTIMA 1967»; a taxa do lado esquerdo e em baixo ao centro a palavra «PORTUGAL». Os selos foram impressos em *offset* na Casa da Moeda em Lisboa, em folhas de 10 x 10 em papel lustrado e com denteado de 11 $\frac{3}{4}$. Circularam de 13 de maio de 1967 até 30 de março de 1973.

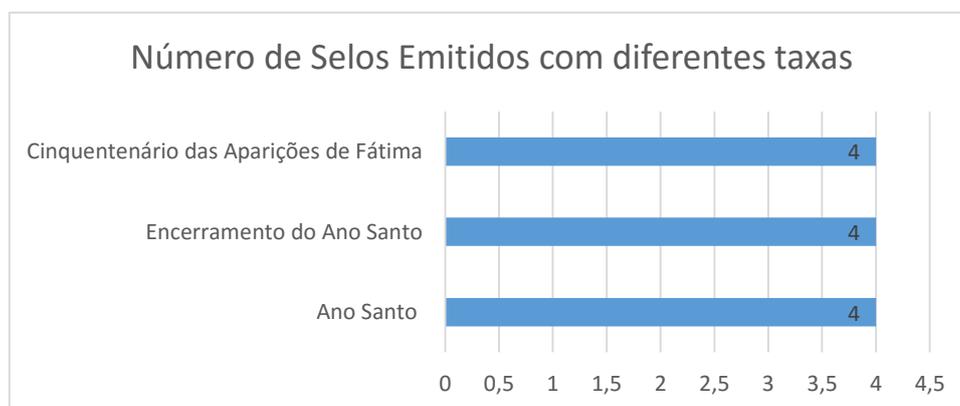


Figura 39 Gráfico do número de selos emitidos com diferentes taxas

Através do gráfico da figura 29 pode-se observar que todas as emissões tiveram um total de quatro valores diferentes nos seus selos. Este caso é único neste estudo uma vez que nas análises dos gráficos anteriores nunca se verificou um número igual de taxas diferentes emitidas.

Ao longo da análise das 30 emissões de selos podemos observar que estas foram veículos de transmissão de valores e ideais do regime, tanto na exaltação do passado heroico de Portugal como pela imagem da religião, sempre presente ao longo do tempo. Nesta amostra encontram-se nítidas as alusões à história, feita através de emissões ligadas à monarquia portuguesa, aos descobrimentos e aos monumentos portugueses. Também a literatura está presente uma vez que são tratados nos selos três grandes autores portugueses e é exaltado «Os Lusíadas» como referência literária. No que respeita ao regime são divulgados através dos selos aspetos como as obras do estado, as figuras políticas, as organizações, as tradições, a educação, existindo referência às colónias e ao nacionalismo salazarista. Tanto a família como a religião são temas abordados nos selos através de comemorações.

5. Conclusão

A investigação realizada permite afirmar que o Estado Novo utilizou o selo postal como difusor da cultura e do ideário do regime. Através deste pequeno pedaço de papel, circulavam pelo mundo os factos históricos da nação que o regime seleccionava, os monumentos, as cidades, as grandes comemorações e as grandes alusões às efemérides da pátria. O selo postal é um poderoso veículo cultural e pedagógico, pois chega ao contacto com um vasto número de pessoas em todo o mundo e, por este motivo, é um excelente meio de divulgação. O Estado Novo viu no selo postal uma forma de difundir os seus princípios, utilizando este para fazer chegar ao povo o seu ideário. Foi pelas várias imagens, legendas e temas, que podemos encontrar nos selos, que o regime encontrou um meio de fazer chegar ao povo a sua interpretação da história portuguesa, assim como das grandes figuras históricas, tanto na literatura, como na política e na vida social. O Estado Novo também viu no selo um meio perfeito de mostrar a personalidade de uma nação regida pela cultura cristã. Neste período o selo postal era visto como mais uma via de difundir a propaganda assim como enraizar os ideários Salazaristas. Como podemos observar através da figura 3 na página 31 e 32, encontramos autores com um grande número de emissões realizadas, como é o caso do artista plástico Jaime Martins Barata. Isto deve-se ao facto deste artista ter colaborado na Administração Geral dos CTT, ocupando o cargo de consultor artístico que desempenhou entre 1947 e 1968.

Com um forte componente informativo o selo ganhou vida no século XIX em Inglaterra e chegou a Portugal ainda no final do mesmo período. O novo modelo de franquia veio colmatar alguns dos problemas que se verificavam na troca da correspondência. Ora o selo veio acabar com estes problemas sendo que o valor da carta se passou a cobrar pelo remetente e não pelo destinatário. Portugal implementou este sistema em 1853, que fora aprovado através do Decreto de 27 de outubro de 1852, proposto à Rainha D. Maria II. Os primeiros selos portugueses representavam a esfinge da Rainha de perfil à esquerda.

Neste trabalho foi estudada a representação do selo como meio de difundir a cultura e valores portugueses no salazarismo. Para podermos estudar a problemática em causa e descobirmos se realmente existiu propaganda através do selo postal, foi necessário uma rápida análise pelas 178 emissões de selos presentes no período em causa. Destas emissões houve a necessidade de escolher uma amostra de 30 para que a presente dissertação se tornasse exequível. Foi feita uma análise a cada uma das fontes – selos – que nos permitiu apurar um grande conjunto de informações como é o caso do tema abordado, do ano, do autor, da

taxa/valor do selo, das cores, do seu período de circulação, do tipo de papel utilizado e do tamanho do denteado. Através desta informação construímos uma análise crítica relacionada com os factos da história e da historiografia existente que nos possibilitou sustentar a tese de que o regime salazarista usou o selo para fazer propaganda e transmissão de valores pelo mundo. Uma das grandes dificuldades que se sentiu na realização desta investigação foi o facto do número de emissões entre 1933 e 1973 ser elevado e portanto impossível de ser tratado com pormenor. No início foi feita uma análise genérica à totalidade das emissões e para tal foi criada uma grelha que expõe as principais informações de cada emissão como é o caso do título, da data e do autor. De seguida foi feita uma análise dos autores descobrindo assim que existem 68 autores para 178 emissões. Considerando que todas as emissões de selos são igualmente importantes e com significado, os critérios que presidiram à definição da amostra que aqui analisamos foram de obedecer a um intervalo de tempo médio considerável e aceitável de 6 anos, para poder desenvolver e criticar cada emissão de selos de forma clara e objetiva. Uma outra dificuldade sentida foi a ausência de estudos que relacionassem o selo com o período autodenominado de Estado Novo. No entanto com a historiografia existente acerca deste período histórico e os selos como fortíssimas fontes de informação, conseguimos concretizar este trabalho. Sabemos agora que o selo tem uma grande componente pedagógica, educativa, cultural, ideológica, económica e artística, sendo um pequeno pedaço de papel tão rico e cheio de informação capaz de fazer chegar além-fronteiras o que de melhor existe no nosso país.

Fontes e bibliografia

Fontes

Emissões de Selos

Lusíadas. Novos valores e cores de 1933-1938

D. Nuno Álvares Pereira, com sobretaxa de 1933

S. António, com sobretaxa de 1933

General Carmona de 1934

1.ª Exposição Colonial Portuguesa de 1934

1.ª Exposição Filatélica Portuguesa de 1935

Templo de Diana de 1935-1936

Infante D. Henrique de 1935

Tudo pela Nação de 1935-1941

Sé de Coimbra de 1935

1.º Centenário da Fundação das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto de 1937

4.º Centenário da Morte de Gil Vicente de 1937

5.º Congresso Internacional da Vinha e do Vinho de 1938

Legião Portuguesa de 1940

8.º Centenário da Fundação e 3.º Centenário da Restauração de Portugal de 1940

1.º Centenário do Selo Postal de 1949

Costumes Portugueses (1.ª emissão), de 1941

Caravela, de 1943

1.º Congresso de Ciências Agrárias, de 1943

3.ª Exposição Filatélica Portuguesa, de 1944

2.º Centenário do Nascimento de Félix Avelar Brotero, de 1944

Navegadores Portugueses, de 1945

Presidente Carmona, de 1945

1.º Centenário da Escola Naval, de 1945

Castelos de Portugal, de 1946

1.º Centenário do Banco de Portugal, de 1946

3.º Centenário da Proclamação da Padroeira de Portugal, de 1946

Costumes Portugueses (2.ª emissão), de 1947

8.º Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros, de 1947

3.º Centenário do Nascimento de S. João de Brito, de 1948
Exposição de Obras Públicas e Congressos Nacionais de Engenharia e Arquitetura, de 1948
Caravela. Novos valores e cores, de 1948-1949
Avis, de 1949
16.º Congresso Internacional de História de Arte, de 1949
75.º Aniversário da União Postal Universal, de 1949
Ano Santo, de 1950
4.º Centenário da Morte de S. João de Deus, de 1950
1.º Centenário do Nascimento de Guerra Junqueiro, de 1951
3.º Congresso Nacional da Pesca, de 1951
Encerramento do Ano Santo, de 1951
5.º Centenário do Povoamento da Ilha Terceira, de 1951
25.º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926, de 1951
Museu Nacional dos Coches, de 1952
3.º Aniversário da OTAN, de 1952
8.º Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins, de 1952
1.º Centenário do Nascimento do Prof. Doutor Gomes Teixeira, de 1952
1.º Centenário do Ministério das Obras Públicas, de 1952
4.º Centenário da Morte de S. Francisco Xavier, de 1952
Selo de Autoridade do Rei D. Dinis, de 1953
14.º Centenário da Chegada à Península de S. Martinho de Dume, de 1953
1.º Centenário do Nascimento de Guilherme Gomes Fernandes, de 1953
Cinquentenário do Automóvel Clube de Portugal, de 1953
5.º Centenário do Nascimento da Princesa Santa Joana, de 1953
1.º Centenário do Selo Postal Português, de 1953
150.º Aniversário da Fundação da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, de 1954
Campanha de Educação Popular, de 1954
150.º Aniversário da Fundação do Colégio Militar, de 1954
4.º Centenário da Fundação da Cidade de S. Paulo, de 1954
Reis de Portugal da 1.ª Dinastia, de 1955
1.º Centenário do Telégrafo Elétrico em Portugal, de 1955
Selo de Autoridade do Rei D. Dinis, de 1955
1.º Centenário do Nascimento do Prof. Doutor Ferreira da Silva, de 1956

1.º Centenário dos Caminhos de Ferro em Portugal, de 1956
Dia da Mãe, de 1956
Almeida Garrett, de 1957
Cesário Verde, de 1957
Participação de Portugal na Exposição de Bruxelas, de 1958
Rainha Santa Isabel e São Teotónio, de 1958
Sextos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo, de 1958
2.º Congresso Nacional da Marinha Mercante, de 1958
5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor, de 1958
Milénário e Bicentenário de Aveiro, de 1959
10.º Aniversário da OTAN, de 1960
Ano Mundial dos Refugiados, de 1960
Cinquentenário do Aero Clube de Portugal, de 1960
4.º Centenário da Fundação da Universidade de Évora, de 1960
Padre Cruz, de 1960
5.º Centenário da Morte do Infante D. Henrique, de 1960
Europa CEPT, de 1960
5.ª Exposição Filatélica Nacional, de 1960
Cinquentenário da República, 1960
1.º Centenário da Fundação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de 1061
1.º Centenário da Elevação de Setúbal à Categoria de Cidade, de 1961
Europa CEPT, de 1961
8.º Centenário da Cidade de Tomar, de 1962
Cinquentenário da Guarda Nacional Republicana, de 1962
Arcanjo São Gabriel, 1962
18.ª Conferência Internacional do Escutismo, de 1962
10.º Congresso Internacional de Pediatria, 1962
Europa CEPT, de 1962
8.º Dia do Selo, de 1962
Dupla Vitória do Sport Lisboa e Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus, de 1963
Campanha Mundial Contra a Fome, 1963
Conferência Postal Multilateral de Paris, de 1963
3.º Centenário da Morte de S. Vicente de Paulo, 1963

8.º Centenário da Ordem Militar de Avis, de 1963

Europa CEPT, de 1963

10.º Aniversário da TAP, de 1963

4.º Centenário da Publicação em Goa dos «Colóquios dos Simples e Drogas» de Garcia d’Orta, de 1964

1.º Centenário do Banco Nacional Ultramarino, de 1964

1.º Centenário do Sameiro, de 1964

Europa CEPT, de 1964

1.º Centenário do Diário de Notícias, de 1964

1.º Congresso Nacional de Transito, de 1965

5.º Centenário da Cidade de Bragança, de 1965

9.º Centenário da Tomada Definitiva aos Mouros da Cidade de Coimbra, de 1965

1.º Centenário da União Internacional de Telecomunicações, de 1965

Calouste Gulbenkian, de 1965

1.º Centenário da Cruz Vermelha Portuguesa, de 1065

Europa CEPT, de 1965

Cinquentenário da Força Aérea, de 1965

5.º Centenário do Nascimento de Gil Vicente, de 1965

6.º Congresso do Comité Internacional para Defesa da Civilização Cristã, de 1966

40.º Aniversário da Revolução Nacional, de 1966

8.º Centenário da Tomada da Cidade de Évora aos Mouros, de 1966

Inauguração da Ponte Salazar, de 1966

Europa CEPT, de 1966

Cientistas Portugueses, de 1966

2.º Centenário do Nascimento de Bocage, de 1966

Europa CEPT, de 1967

Cinquentenário das Aparições de Fátima, de 1967

Novo Código Civil Português, de 1967

Inauguração do Estaleiro Naval da Lisnave no Porto de Lisboa (Baía da Margueira), de 1967

6.º Congresso Europeu de Reumatologia, de 1967

Estabelecimento da Área de Comércio Livre – EFTA, de 1967

1.º Centenário da Abolição da Pena de Morte, de 1967

Bento de Goes, de 1968

Europa CEPT, de 1968

30.º Aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional, de 1968

20.º Aniversário da OMS

Emissão Alusiva à Madeira (Lubrapex), de 1968

5.º Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, de 1968

Europa CEPT, de 1969

2.º Centenário da Imprensa Nacional, de 1969

50.º Centenário da Organização Internacional do Trabalho, de 1969

2.º Centenário da Fundação de S. Diego (Califórnia), de 1969

1.º Centenário do Nascimento de Vianna da Mota, de 1969

1.º Centenário da Nascimento de Gago Coutinho, de 1969

5.º Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, de 1969

Europa CEPT, de 1970

Inauguração da Refinaria do Porto, de 1970

1.º Centenário do Nascimento do General Carmona, de 1970

25.º Aniversário da Estação de Melhoramento de Plantas, de 1970

Osaka – Expo’70, de 1970

1.º Centenário da Covilhã Cidade, de 1970

1.º Centenário de Santarém Cidade

1.º Centenário do Lançamento do Cabo Submarino Portugal-Inglaterra, de 1970

Vinho do Porto, de 1970

Moinhos Portugueses, de 1971

Europa CEPT, de 1971

Escultores Portugueses, de 1971

Presidente Salazar, de 1971

1.º Congresso Hispano-Luso-Americano de Geologia Económica, de 1971

2.º Centenário de Castelo Branco Cidade, de 1971

25.º Aniversário do Serviço Meteorológico Nacional, de 1971

4.º Centenário dos Mártires do Brasil, de 1971

Proteção da Natureza, de 1971

Paisagens e Monumentos, de 1972-1974

Bicentenário de Pinhel Cidade, de 1972

Mês Internacional do Coração, de 1972

Europa CEPT, de 1972
13.º Congresso da IRU, de 1972
20.ª Olimpíada Moderna – Munique 1972, de 1972
2.º Centenário da Reforma Pombalina da Universidade (1772), de 1972
150.º Aniversário da Independência do Brasil (Lubrapex), de 1972
Cinquentenário da 1.ª Travessia Aérea Lisboa-Rio de Janeiro, de 1972
4.º Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», de 1972
Jornadas da Produtividade – 72
Europa CEPT, de 1973
Visita do Presidente Médici, de 1973
Pela Criança, de 1973
25.º Aniversário do Ministério das Comunicações, de 1973
2.º Centenário do Ensino Primário Oficial, de 1973
Centenário dos Transportes Públicos na Cidade do Porto, de 1973
Cinquentenário da Liga dos Combatentes, de 1973
6.º Centenário do Feito de Nuno Gonçalves de Faria, de 1973

Web

<https://www.ctt.pt/correio-e-encomendas/filatelias/como-colecionar/historia-do-selo.html> consultado no dia 31/08/2015

<http://www.fpc.pt/Portals/0/PDF%20Exposicoes/2014/Folha%20sala%20Em%20Destaque%20PT.pdf> consultado no dia 2/07/2015

[http://www.infopedia.pt/\\$constituicao-de-1933](http://www.infopedia.pt/$constituicao-de-1933) consultado no dia 29/07/2015

http://www.oliveirasalazar.org/download/documentos/Volume%20I_E0A45297-5979-4CFF-AB90-E70192F3E308.pdf sítio *online* onde constam os discursos de Salazar, retirados do I Volume (1928 – 1934) 5.ª Edição, Revista, Coimbra Editora, Limitada em 1961 consultado no dia 29/07/2015

<http://historiaaberta.com.sapo.pt/lib/doc006.htm> António Ferro, *O Decálogo do Estado Novo*, História Aberta, consultado em 30/07/2015

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4206524> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, consultado a 30/06/2015

Dicionário online de Português. <http://www.dicio.com.br/offset/> consultado no dia 17/06/2015

http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf p. 56 consultado no dia 16/05/2015

http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/cultura.html consultado no dia 07/09/2015

http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf p. 57 consultado no dia 16/05/2015

http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf pág. 61 consultado no dia 18/06/2015

<http://150anos.dn.pt/2014/07/31/1940-assinatura-da-concordata/> Consultado no dia 29/07/2015

Publicações Periódicas

Diário de Lisboa, 2 de janeiro de 1970, pág. 15

Diário de Notícias, Domingo, 7 de Agosto de 1966, primeira página

Jornal *Ultrammar*, Ano I, Porto, 1 de junho de 1934, n.º. 11

Arquivos

Reserva Filatélica e Artística da Fundação Portuguesa das Comunicações

Vídeos

1966 – A Ponte Salazar sobre o rio Tejo (Gabinete da Ponte sobre o Tejo)

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7USeAr5U9b0> consultado no dia 09/09/2015

A Vida de António de Oliveira Salazar

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GCz0n3sGTXE> consultado no dia 09/09/2015

Os Grandes Portugueses: Professor Dr. António de Oliveira Salazar

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XLZ-IEi7poE> consultado no dia 10/09/2015

Portuguese Fascist Propaganda (With Translation)

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JYKEKwWYmJE> consultado no dia 10/09/2015

Bibliografia

Abadal, Juan (1974), *Dicionário Filatélico, Manual Prático do Léxico da Filatelia*, Edição del autor

Alexandre, Valentim (2006), *O Roubo das Almas. Salazar, a Igreja e os Totalitarismos (1930-1939)*, Lisboa, D. Quixote

Campinos, Jorge, (1975), *A Ditadura Militar 1926/1933*, Lisboa, Publicações Dom Quixote

Cardoso, Eurico Carlos Esteves Lage (1984), *Os Correios os Selos e a Filatelia*, Lisboa, edição de autor.

Cruz, Manuel Braga, (1988), *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Editorial Presença

Fernandes, António Teixeira (2001), *Relações entre a Igreja e o Estado no Estado Novo e no pós 25 de Abril de 1974*, Porto, Edição de Autor.

Ferreira, Luís Eugénio (2006), *Um Certo Olhar Pela Filatelia*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Biblioteca Filatélica Digital.

- Kullberg, Carlos (2006), *Selos de Portugal Álbum II*, (1910/1953), Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Biblioteca Filatélica Digital.
- Kullberg, Carlos (2006), *Selos de Portugal Álbum III*, (1954/1970), Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Biblioteca Filatélica Digital
- Kullberg, Carlos (2006), *Selos de Portugal Álbum IV*, (1971/1978), Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Biblioteca Filatélica Digital
- Marques, A. H. de Oliveira (1995), *História do Selo Postal Português 1853 – 1953*, 3 volumes, volume I, «Os Selos da Monarquia», e volume II, «Os Selos da República», Lisboa, Planeta Editora.
- Meneses, Filipe Ribeiro de, (2010), *Salazar*, Lisboa, D. Quixote
- Mineiro, Adélia Carvalho (2007), *Valores e Ensino no Estado Novo*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Mónica, Maria Filomena (1978), *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Editorial Presença
- Paulo, Heloísa (1994), *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN-SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva
- Pinto, António Costa (1992), *O Salazarismo e o Fascismo Europeu. Problemas de interpretação nas ciências sociais*, Lisboa, Editorial Estampa
- Pinto, António Costa (2001), *O Fim do Império Português. A Cena Internacional, a Guerra Colonial, e a Descolonização. 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte
- Pinto, António Costa, (1994), *Os Camisas Azuis. Ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal. 1914-1945*, Lisboa, Editorial Estampa
- Rodrigues, Luís Nuno (1996), *A Legião Portuguesa: a milícia do Estado Novo: 1936-1944*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Rosas, Fernando e Oliveira, Pedro (coord.), (2004), *A Transição Falhada. O Marcelismo e o fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Notícias Editorial
- Rosas, Fernando (1998), *O Estado Novo (1926-1974)*, VII volume da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Editorial Estampa.
- Rosas, Fernando (2012), *Salazar e o Poder*, Lisboa, Tinta da China
- Rosas, Fernando e J. M. Brandão de Brito (org.) (1989), *Salazar e o Salazarismo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote
- Rosas, Fernando (2004), *Portugal Século XX. Pensamento e Acção Política*, Lisboa, Editorial Notícias
- Torgal, Luís Reis (2009), *Estados Novos Estado Novo, Ensaios de História Política e Cultural*, I Volume e II Volume, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Torgal, Luís Reis (1999), *A Universidade e o Estado Novo. O caso de Coimbra, 1926-1961*, Coimbra, Minerva
- Vieira, Armando Mário O. (1983), *Selos Clássicos de Relevância de Portugal*, Porto, Núcleo Filatélico do Ateneu Comercial do Porto.
- Vieira, Patrícia (2011), *Cinema no Estado Novo a Encenação do Regime*, Lisboa, Edições Colibri.

Anexos

Grelha de Análise da Amostra

Categoria	Subcategoria	Nome da Emissão	Data
História	Monarquia	Avis	1949
		5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor	1958
		Reis de Portugal da 1.ª Dinastia	1955
	Descobrimientos	Navegadores Portugueses	1945
		Infante D. Henrique	1935
		Caravela	1943
	Monumentos	Templo de Diana	1935-1936
		Sé de Coimbra	1935
		Castelos de Portugal	1946
Literatura	Autores/Obras	Lusíadas. Novos Valores e Cores	1933-1938
		Almeida Garrett	1957
		Cesário Verde	1957
		4.ª Centenário da Morte de Gil Vicente	1937
Regime	Obras	Inauguração da Ponte Salazar	1966
	Figuras	General Carmona	1934
		Presidente Salazar	1971
	Organizações	Legião Portuguesa	1940
	Efemérides	25.º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926	1951
		8.º Centenário da Fundação e 3.º Centenário da Restauração de Portugal	1940
	Colónias	1ª Exposição Colonial Portuguesa	1934
	Nacionalismo	Tudo pela Nação	1935-1941
	Tradições	Costumes Portugueses (1.ª emissão)	1941
	Educação	Campanha de Educação Popular	1954
		30.º Aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional	1968
		10.º Congresso Internacional de Pediatria	1962
		2.º Centenário do Ensino Primário Oficial	1973
Família	Efemérides	Dia da Mãe	1956
Religião	Efemérides	Ano Santo	1950

Tabela Informativa das 178 Emissões de Selos (1933-1973)

Nome da Emissão	Nº. Selos Emitidos c/ diferentes taxas	Data	Autor	Categoria
D. Nuno Álvares Pereira, com sobretaxa	6	1933	Arnaldo Fragoso	História
Templo de Diana	3	1935-1936	Guilherme Augusto dos Santos	
Infante D. Henrique	2	1935	Arnaldo Fragoso	
Sé de Coimbra	1	1935	Institut de Gravure et d'impression de Papiers- Valeures, Paris	
1.º Centenário do Selo Postal	8	1940	Pedro Guedes	
Caravela	17	1943	Jaime Martins Barata	
Navegadores Portugueses	8	1945	Jaime Martins Barata	
Castelos de Portugal	8	1946	José Ângelo Cottinelli Telmo	
8.º Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros	6	1947	Jaime Martins Barata	
Caravela. Novos valores e cores	9	1948-1949	Jaime Martins Barata	
Avis	8	1949	Pedro Guedes	
Selo de Autoridade do Rei D. Dinis	15	1953	Jaime Martins Barata	
5.º Centenário do Nascimento da Princesa Santa Joana	2	1953	Jaime Martins Barata	
4.º Centenário da Fundação da Cidade de S. Paulo	4	1954	Jaime Martins Barata	
Reis de Portugal da 1.ª Dinastia	9	1955	António Lino	
Selo de Autoridade do Rei D. Dinis	1	1955	Jaime Martins Barata	
5.º Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor	4	1958	Cândido Costa Pinto	
Milenário e Bi-Centenário de Aveiro	2	1959	Álvaro Duarte de Almeida	
4.º Centenário da Fundação da Universidade de Évora	3	1960	Alberto Cardoso	
5.º Centenário da Morte do Infante D. Henrique	6	1960	José Pedro Roque	
Cinquentenário da República	1	1960	Manuel Rodrigues	
1.º Centenário da Fundação da Faculdade de Letras de Lisboa	2	1961	Álvaro Duarte de Almeida	

1.º Centenário da Elevação de Setúbal á Categoria de Cidade	2	1961	Cândido Costa Pinto	
8.º Centenário da Cidade de Tomar	2	1962	Cândido Costa Pinto	
8.º Centenário da Ordem Militar de Avis	3	1963	Cândido Costa Pinto	
4.º Centenário da Publicação em Goa dos «Colóquios dos Simples e Drogas» de Garcia d'Orta	3	1964	João Abel Manta	
1.º Centenário do Banco Nacional Ultramarino	3	1964	Cândido Costa Pinto	
1.º Centenário do Diário de Notícias	2	1964	Júlio Gil	
5.º Centenário da Cidade de Bragança	2	1965	João Abel Manta	
9.º Centenário da Tomada Definitiva aos Mouros da Cidade de Lisboa	3	1965	Cândido Costa Pinto	
Calouste Gulbenkian	2	1965	Cândido Costa Pinto	
Cinquentenário da Força Aérea	3	1965	Paulo Guilherme	
40.º Aniversário da Revolução Nacional	3	1966	Paulo Guilherme	
8.º Centenário da Tomada da Cidade de Évora, aos Mouros	2	1966	Cândido Costa Pinto	
Cientistas Portugueses	8	1966	Cândido Costa Pinto	
1.º Centenário da Abolição da Pena de Morte	3	1967	João Abel Manta	
Bento de Goes	2	1968	Domingos Rebelo	
5.º Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral	3	1969	José Pedro Roque	
2.º Centenário da Imprensa Nacional	3	1969	José Pedro Roque	
1.º Centenário do Nascimento de Vianna da Motta	2	1969	Óleo de Columbano Bordalo Pinheiro	
1.º Centenário do Nascimento de Gago Coutinho	4	1969	Cândido Costa Pinto	
5.º Centenário do Nascimento de Vasco da Gama	4	1969	Jaime Martins Barata	
1.º Centenário da Covilhã Cidade	2	1970	Cândido Costa Pinto	

1.º Centenário da Santarém Cidade	2	1970	Cândido Costa Pinto	
1.º Centenário do Lançamento do Cabo Submarino Portugal-Inglaterra	4	1970	Duarte Nuno Simões	
Moinhos Portugueses	6	1971	Cândido Costa Pinto	
Escultores Portugueses	6	1971	António Duarte	
2.º Centenário de Castelo Branco Cidade	3	1971	Alberto Cardoso	
25.º Aniversário do Serviço Meteorológico Nacional	3	1971	Luís Chaves	
4.º Centenário dos Mártires do Brasil	3	1971	João Abel Manta	
Paisagens e Monumentos	20	1972-1974	Dos Serviços Artísticos dos CTT	
Bicentenário de Pinhel Cidade	3	1972	José Cândido	
2.º Centenário da Reforma Pombalina da Universidade (1772)	3	1972	Dos Serviços Artísticos dos CTT	
150.º Aniversário da Independência do Brasil (Lubrapex)	4	1972	Cândido Costa Pinto	
Cinquentenário da 1.ª Travessia Aérea Lisboa-Rio de Janeiro	4	1972	Dos Serviços Artísticos dos CTT	
25.º Aniversário do Ministério das Comunicações	3	1973	Dos Serviços Artísticos dos CTT	
Centenário dos Transportes Públicos na Cidade do Porto	3	1973	Armando Alves	
Cinquentenário da Liga dos Combatentes	3	1973	Dos Serviços Artísticos dos CTT	
6.º Centenário do Feito de Nuno Gonçalves de Faria	2	1973	Dos Serviços Artísticos dos CTT	
General Carmona	1	1934	Arnaldo Fragoso	Regime
1.ª Exposição Colonial Portuguesa	3	1934	Almada Negreiros	
1.ª Exposição Filatélica Portuguesa	1	1935	Almada Negreiros	
Tudo Pela Nação	5	1935-1941	Almada Negreiros	
5.º Congresso Internacional da Vinha e do Vinho	4	1938	José da Rocha Pereira	
Legião Portuguesa	8	1940	António Lima	

8.º Centenário da Fundação e 3.º Centenário da Restauração de Portugal	8	1940	Alberto de Sousa	
			Jaime Martins Barata	
			Maria Kail do Amaral	
			Henrique Franco	
Costumes Portugueses (1.ª emissão)	10	1941	Raquel Roque Gameiro Ottoni	
			Álvaro Duarte de Almeida	
1.º Congresso de Ciências Agrárias	2	1943	Álvaro Duarte de Almeida	
3.ª Exposição Filatélica Portuguesa	4	1944	Alberto de Sousa	
Presidente Carmona	8	1945	Fotos obtidas por intermédio do Secretariado de Propaganda Nacional	
Costumes Portugueses (2.ª emissão)	8	1947	Maria de Lourdes de Melo e Castro	
Exposição de Obras Públicas e Congressos Nacionais de Engenharia e Arquitetura	1	1948	José Ângelo Cottinelli Telmo	
16.º Congresso Internacional de História da Arte	2	1949	Jaime Martins Barata	
3.º Congresso Nacional de Pesca	2	1951	Domingos Rebelo	
25.º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926	2	1951	Domingos Maria Xavier Rebelo	
Museu Nacional dos Coches	8	1952	Cândido Costa Pinto	
3.º Aniversário da OTAN	2	1952	Jaime Martins Barata	
Campanha de Educação Popular	4	1954	Cândido Costa Pinto	
150.º Aniversário da Fundação do Colégio Militar	2	1954	Cândido Costa Pinto	
Participação de Portugal na Exposição de Bruxelas	2	1958	Almada Negreiros	
Sextos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo	2	1958	Álvaro Duarte de Almeida	
2.º Congresso da Marinha Mercante	2	1959	Álvaro Duarte de Almeida	
Ano Mundial dos Refugiados	3	1960	Almada Negreiros	
Europa CEPT	2	1960	P. Rahikainen	

5.ª Exposição Filatélica Nacional	2	1960	Sebastião Rodrigues	
Europa CEPT	3	1961	Manuel Rodrigues	
10.º Congresso Internacional de Pediatria	4	1962	Maria Kail do Amaral	
18.ª Conferência Internacional do Escutismo	6	1962	Guilherme Camarinha	
10.º Congresso Internacional de Pediatria	4	1962	Maria Kail do Amaral	
Europa CEPT	3	1962	Fred Kradolfer	
8.º Dia do Selo	3	1962	João Martins da Costa	
Dupla Vitória do Sport Lisboa e Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus	2	1963	Artur Bual	
Campanha Mundial Contra a Fome	3	1963	João Abel Manta	
Conferência Postal Multilateral de Paris	3	1963	Cândido Costa Pinto	
Europa CEPT	3	1963	Paulo Guilherme	
Europa CEPT	3	1964	George Bétemps	
Anos Internacionais do Sol Calmo (1964-1965)	2	1964	Sebastião Rodrigues	
Jogos Olímpicos - Tóquio	4	1964	Sebastião Rodrigues	
1.º Congresso Nacional de Transito	3	1965	Paulo Guilherme	
Europa CEPT	3	1965	Hoerdur Karlsson	
Inauguração da Ponte Salazar	4	1966	António Nunes de Almeida	
Europa CEPT	3	1966	Gregor e Josef Bender	
Europa CEPT	3	1967	Oscar Bonnevalle	
Novo Código Civil Português	3	1967	João Abel Manta	
Inauguração do Estaleiro Naval da Lisnave no Porto de Lisboa (Baía da Margueira)	4	1967	Luís Filipe de Abreu	
6.º Congresso Europeu de Reumatologia	3	1967	João Abel Manta	
Estabelecimento da Área de Comércio Livre - EFTA	3	1967	Luís Filipe de Oliveira	
Europa CEPT	3	1968	Hans Schwarzenbach	
Emissão Alusiva à Madeira (Lubrapex)	7	1968	Cândido Costa Pinto	
Europa CEPT	3	1969	Luigi Gasbarra e Giorgio Belli	
europa CEPT	3	1970	Louis le Brocquy	

			Júlio Alves	
3.º Centenário da Proclamação da Padroeira de Portugal	4	1946	Jaime Martins Barata	
3.º Centenário do Nascimento de S. João de Brito	4	1948	Jaime Martins Barata	
Ano Santo	4	1950	Jaime Martins Barata	
4.º Centenário da Morte de S. João de Deus	6	1950	Jaime Martins Barata	
Encerramento do Ano Santo	4	1951	Jaime Martins Barata	
4.º Centenário da Morte de S. Francisco Xavier	4	1952	Manuel Lapa	
14.º Centenário da Chegada à Península de S. Martinho de Dume	2	1953	Manuel Lapa	
Rainha Santa Isabel e São Teotónio	4	1958	Jaime Martins Barata	
Padre Cruz	2	1960	José Pedro Roque	
Arcanjo São Gabriel	2	1962	Cândido Costa Pinto	
3.º Centenário da Morte de S. Vicente de Paulo	4	1963	Segundo baixo relevo de Maria Flávia Monsaraz	
1.º Centenário do Sameiro	3	1964	José Pedro Roque	
6.º Congresso do Comité Internacional para a Defesa da Civilização Cristã	3	1966	Sebastião Rodrigues	
Cinquentenário das Aparições de Fátima	4	1967	José Pedro Roque	
1.º Centenário da Fundação das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto	1	1937	Álvaro Duarte de Almeida	Efemérides /Outros
2.º Centenário do Nascimento de Félix Avelar Brotero	4	1944	Jaime Martins Barata	
1.º Centenário da Escola Naval	4	1945	Jaime Martins Barata	
1.º Centenário do Banco de Portugal	1	1946	Jaime Martins Barata	
75.º Aniversário da União Postal Universal	4	1949	Cândido Costa Pinto	
5.º Centenário do Povoamento da Ilha Terceira	2	1951	Jaime Martins Barata	
8.º Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins	2	1952	Jaime Martins Barata	

1.º Centnário do Nascimento do Prof. Gomes Teixeira	2	1952	Pedro Guedes	
1.º Centenário do Ministério das Obras Públicas	4	1952	António Maria Veloso Reis Camelo	
1.º Centenário do Nascimento de Guilherme Gomes Fernandes	2	1953	Pedro Guedes	
Cinquentenário do Automóvel Clube de Portugal	2	1953	Cândido Costa Pinto	
1.º Centenário do Selo Postal Português	8	1953	Jaime Martins Barata	
150.º Aniversário da Fundação da Secretaria do Estado dos Negócios da Fazenda	2	1954	Jaime Martins Barata	
1.º Centenário do Telégrafo Eléctrico em Portugal	3	1955	Cândido Costa Pinto	
1.º Centenário do Nascimento do Prof. Doutor Ferreira da Silva	2	1956	Cândido Costa Pinto	
1.º Centenário dos Caminhos de Ferro em Portugal	4	1956	Frederico George	
10.º Aniversário da OTAN	2	1960	Cândido Costa Pinto	
Cinquentenário do Aero Clube de Portugal	4	1960	Marcelo Morais	
Cinquentenário da Guarda Nacional Republicana	3	1962	Júlio Resende	
10.º Aniversário da TAP	3	1963	Paulo Guilherme	
1.º Centenário da União Internacional de Telecomunicações	3	1965	Alberto Cardoso	
1.º Centenário da Cruz Vermelha Portuguesa	3	1965	Manuel Rodrigues	
30.º Aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional	3	1968	Maria Kail do Amaral	
20.º Aniversário da OMS	3	1968	Luís Filipe de Abreu	
50.º Aniversário da Organização Internacional do Trabalho	3	1969	João Abel Manta	
2.º Centenário da Fundação de S. Diego (Califórnia)	3	1969	José Pedro Roque	
1.º Centenário do Nascimento do Marechal Carmona	3	1970	Segundo busto da estátua de Leopólido de Almeida	

25.º Aniversário da Estação de Melhoramento de Plantas	3	1970	Abílio de Matos e Silva	
2.º Centenário do Ensino Oficial Primário	4	1973	Luz Correia	